

O especial **Consciência Negra** retrata a face da diversidade cultural como base da formação do povo brasileiro

Entrevista:

Gêmeos em sala de aula: separá-los ou não?
Psicopedagoga Bianca Acampora orienta os educadores como proceder na educação de gemelares

Saiba mais:

Escolas abordam várias nuances da Cidade Maravilhosa em seus 450 anos



Educação inclusiva: mais afetividade e menos reclamação

Emílio Figueira*

Durante as minhas palestras, por algumas vezes o pessoal toca na questão de que muito pouco tem sido feito por parte do governo. E isso me incomoda cada vez mais.

Vejo que ainda temos muito da cultura paternalista de esperar que tudo venha de cima, já pronto, tanto no sentido de leis como de investimentos e recursos. Como se tudo pudesse acontecer de maneira mágica por meio de decreto-lei ou simplesmente tendo recursos financeiros, por exemplo. Mas, gente, o governo representa 10% da população. Nós somos os outros 90%. Se quisermos, nós mudamos o mundo!

E com a Educação Inclusiva não é diferente. Defendo que ela só terá sucesso se for realizada de baixo para cima, das bases e com o envolvimento de todos. Creio que um dos caminhos mais certos para ela seja a afetividade, o coração.

O professor que se despir de seus conceitos e preconceitos, abrir os braços e receber alunos a serem incluídos trará um novo universo para dentro do seu universo. E um universo precisa de tempo para ser conhecido, ser explorado sem medos e ansiedades. E as descobertas, se não recalçadas, trarão muito mais coisas positivas. Medos, inseguranças e temores são coisas para fracos, não para pessoas de coragem, que já demonstram isso ao escolherem a carreira de professor no Brasil!

Posso endossar o que estou dizendo com a narrativa de um encontro que tive. Uma aluna de psicologia que trabalhava como professora na Rede Municipal de Mogi das Cruzes relatou-nos que em sua escola havia três alunos, entre síndrome de Down e deficiência intelectual, sendo incluídos. E com o tempo ela passou a notar um potencial muito grande em certas áreas do desenvolvimento deles.

Vejam que sensibilidade linda, que não está em nenhum manual de regras pedagógicas, demonstrou essa professora. Ela não trouxe para discussão as dificuldades ou impedimentos que poderia ter encontrado ao lidar com a inclusão escolar desses alunos. Ela foi sensível ao ponto de preferir destacar o lado positivo.

E eu lhe disse que, se no processo pedagógico essas potencialidades forem focadas e trabalhadas corretamente, eles terão um desenvolvimento muito além das nossas ex-

pectativas, que serão motivos de orgulho para essa e outras professoras que educam esses três alunos.

Pode até ser que não tenham o mesmo nível de aprendizagem dos demais estudantes, porém se desenvolverão em outras áreas de aptidões e cognições. Mas também por que todos precisam se expandir e aprender só as mesmas coisas, não é mesmo?

A Educação Inclusiva é um processo pedagógico, mas, se puder contar com a afetividade de todos os envolvidos, ajudará muito. Fundamental para o seu sucesso não será apenas jogar essa responsabilidade nas costas dos professores. Todos, os diretores, os inspetores, os atendentes, o pessoal da cantina, da limpeza, da manutenção, os demais alunos, as famílias e comunidade em geral estejam juntos no mesmo objetivo. E se tiver afetividade, melhor!

Professores com alunos em processo de inclusão, se necessário, poderão receber apoio e auxiliares na sala de aula. Esses educadores precisarão de treinamentos constantes. A escola deve receber de tempos em tempos a visita dos professores itinerantes e/ou outros especialistas no assunto para avaliar como anda o processo, passar instruções, tirar dúvidas, dar treinamentos.

Enfim, o que quero dizer com tudo isso é que o professor dentro de uma Sala de Aula Inclusiva é o personagem direto da Inclusão Escolar, mas, por trás dele, deverá estar todo um arsenal de apoio material e humano.

O trabalho em equipe entre os profissionais de uma escola pode contribuir, e muito, para uma convivência harmoniosa, construída coletivamente, que certamente irá se refletir na relação educador/educando e no processo de ensino e de aprendizagem.

Qualquer escola precisa estar preparada para receber alunos inclusivos. Mas há uma grande necessidade, principalmente por parte dos pais. A importância de se atentar para as necessidades específicas de cada criança, terapias e acompanhamentos especializados, o desenvolvimento global de alunos incluídos como os aspectos psicológicos que precisam ser observados, valorização dos pontos positivos de uma deficiência, possibilidades de uma criança se desenvolver em outras áreas que não sejam impostas pelos padrões culturais. Entrando no campo pedagógico, há a importância de uma parceria em tripé: Escola, Família e Sociedade!



Conselho Editorial
Julio Cesar da Costa
Ednaido Carvalho Silva

Jornalismo
Antônia Lúcia Figueiredo
(M. T. RJ 22685JP)

Colaboração
Sandra Martins, Jessica Almeida, Richard
Gunter e Marcela Figueiredo

Fotografia
Marcelo Ávila, Tony Carvalho

Design Gráfico
Luiz Cláudio de Oliveira
Marcel Schocair Costa

Revisão
Sandro Gomes

Periodicidade e tiragem
Bimestral – 67.000 (Sessenta e sete mil)

Impressão e distribuição
Gráfica Ediouro – Correios

Professores, enviem seus projetos para a redação da Revista Appai Educar:

End.: Rua Senador Dantas, 117/229
2º andar – Centro – Rio de Janeiro/RJ.
CEP: 20031-911

E-mail: jornaleducar@appai.org.br
redacao@appai.org.br

Endereço Eletrônico:

www.appai.org.br

Tel.: (21) 3983-3200

* Os conceitos e opiniões emitidos em artigos assinados são de inteira responsabilidade dos autores.

Mas então devemos deixar o governo de lado? Claro que não. Devemos exigir maiores investimentos, verbas, adaptações físicas e de recursos para as escolas, além de treinamentos e constantes reciclagens para o pessoal da Educação.

Digo exigir, porque temos outra velha visão cultural de que o governo é um "ser superior", que não podemos alcançá-lo. Esquecemos que quem os coloca lá somos nós com o nosso voto. Que o dinheiro que é negado para a melhoria da Educação e outros setores é nosso, provém dos impostos pagos. Precisamos unir a nossa parte de 90%, deixar de sermos cordeirinhos e nos unirmos numa sociedade politicamente articulada, impondo-nos e deixando claro o que queremos para melhorar tanto a Educação Inclusiva como qualquer

outro setor que nos pertence de fato e de direito.

Deixarmos de reclamar, culpar o governo por tudo, justificando mesmo que de forma inconsciente a nossa inércia, ou ficar passando o chapéu atrás de migalhas. Mas temos sim que criar uma nova cultura: aquela que diz que quem manda é quem paga a conta. Pois os governos executivos e legislativos nada mais são do que funcionários do povo. E pagamos muito caro por isso. Aliás, temos uma das maiores cargas tributárias do mundo. E disso eu não tenho o mínimo orgulho!

***Emílio Figueira** é psicólogo, psicanalista, educador. Autor do livro "Psicologia e Inclusão: Atuações Psicológicas em Pessoas com Deficiência" (WAK Editora).



Parceria escola e família

*Simone da Silva Viana**

A inversão dos papéis da escola e da família junto à sociedade é nítida. Segundo Tiba (2006), "os grandes responsáveis pela educação dos jovens na família e na escola não estão sabendo cumprir bem seu papel. É a falência da autoridade dos pais em casa, do professor em sala de aula, do orientador na escola".

A escola precisa do apoio da família e esta precisa que a instituição escola seja competente na formação acadêmica de seus filhos, para que a falta de muitos pais no crescimento educacional dos filhos em virtude dos avanços da sociedade moderna não afete tanto o processo de ensino-aprendizagem. De acordo com Tiba (2002), [...] família não se escolhe e não há como mudar de sangue. As escolas mudam, mas os pais são eternos [...].

A parceria entre família e escola é fundamental, para o bem comum do filho/aluno, preparando-o como pessoa para viver em sociedade, de forma que venha criar cidadãos críticos capazes de enfrentar a complexidade de situações que surgem na sociedade, que aprendem as diferentes formas de ver o mundo e construir as suas relações sociais, como sujeitos de sua própria História. A família e a escola emergem como duas instituições fundamentais para a vida de uma pessoa. Pensar em educação de qualidade significa vislumbrar a família presente na vida escolar dos alunos em todos os sentidos.

Sabemos que não é fácil desenvolver esta parceria!... É notório que os vínculos entre os educadores e os pais tornam o aprendizado mais significativo e eficiente, facilitando o entrosamento entre si, de modo que o sucesso educacional do filho/aluno é garantido, pois na ausência desta parceria é improvável o estudante conseguir bom resultado no proces-

so ensino-aprendizagem. Como a família é a base do aluno então nada melhor do que essa base para inverter essa situação, visando um futuro de sucesso e parceria entre a família e a escola.

Elaborar projetos pedagógicos interdisciplinares, preocupando-se com a realidade da comunidade em que a escola está inserida, é uma proposta eficaz, que permitirá ao aluno capacidades intelectuais e afetivas, tendo como resultado o sucesso escolar. Ao expor sua história de vida, seus anseios, sonhos, medos, projetos, enfim, proporcionando um ambiente acolhedor e revelador, o professor e a equipe pedagógica favorecerão o diálogo com seu aluno, troca de vivências, saberes, memórias, compartilhando histórias pessoais, promovendo e melhorando a qualidade de vida de todos na escola. Por exemplo, por que não enriquecer o currículo com experiências e novidades trazidas pelas mães e pais, que possam ser compartilhadas com todas as alunas e alunos da classe (não apenas com o próprio filho ou filha em casa) e com outros pais e mães na escola, enriquecendo assim as próprias relações entre a escola e as famílias. E esta é uma tarefa na qual a educação tem um papel relevante, ao qual não pode negligenciar.

A garantia de um projeto pedagógico que possibilite resgatar a cidadania e o direito do aluno – possibilitando a construção de seu projeto de vida; buscando adaptações curriculares que atendam às necessidades e expectativas de uma sociedade em constante mudança; assegurando uma educação mais afetiva e de qualidade – é possível, mas requer um trabalho coletivo e comprometido entre Escola, Família e Comunidade. Porém, observa-se que, se não houver um comprometimento maior dos responsáveis e das instituições escolares, isso pouco adiantará.

Conhecer um pouco da realidade de cada aluno possibilita um processo de ensino-aprendizagem acolhedor, afetuoso, harmonioso e eficaz. Isso não é tarefa fácil para o professor, mas é o ponto de partida para se ter uma aula prazerosa, criando laços de carinho e respeito com o aluno. Permitir descobrir-se, aceitar-se, favorece o sentimento de autoconfiança entre estudante, professor, escola e família. Se educar é humanizar, humanizar é interagir, é fundamental a existência de um sentimento de autoestima equilibrado e saudável, que permitirá ao aluno construir sua própria identidade, tornando-se sujeito de sua própria vida e história, trabalhar as próprias frustrações e constituir-se como cidadão. É preciso desenvolver valores éticos, melhorar a autoestima do aluno, prezar a diversidade, para contribuímos na construção de um sujeito autônomo, afetuoso e comprometido com o meio em que vive, ter motivos para valorizar a si mesmos, a família e a vida.

Paulo Freire, em *Pedagogia da Autonomia*, também faz uma reflexão sobre o caráter das relações, da experiência social, da comunicação, dos sonhos, da raiva e do amor, que devem ser desenvolvidos junto à prática educativa.

Ele acredita que o educador deve conhecer o dia a dia do aluno, porque é nessa realidade que ele desenvolve seus instintos e desabrocha a indisciplina. Para Freire, ensinar não é transferência de conhecimentos e sim, "construção". O educador não pode esquecer que o aluno é um ser humano inacabado, e é só a partir dessa visão que ele entenderá que o aluno precisa se desenvolver num ambiente de liberdade, compartilhando o interesse comum de trabalhar para a formação de sujeitos criativos, éticos, conhecedores dos seus direitos e deveres e capazes de enfrentar os desafios de seu tempo.

"Gosto de ser gente porque, mesmo sabendo que as condições materiais, econômicas, sociais, políticas, culturais e ideológicas em que nos achamos geram quase sempre barreiras de difícil superação para o cumprimento de nossa tarefa histórica de mudar o mundo, sei também que os obstáculos não se eternizam". (Freire, 1999).

***Simone da Silva Viana** é pós-graduada em História Moderna e Contemporânea pela PUC/MG.

AQUI VOCÊ
TEM
VOZ!





O professor insubstituível

Andrea Gouvêa Vieira



Foi uma onda que atingiu vários países, desenvolvidos e em desenvolvimento. Há quase 20 anos, quando ficou evidenciado que as crianças saem da escola (principalmente das redes públicas) sem aprender o que estava prescrito, os movimentos pela Educação percorreram caminhos variados, motivaram extenso debate e criaram e enterraram as teorias as mais diversas.

O que parece ter sido a principal conclusão deste debate das duas últimas décadas, em todos os continentes em que aconteceu, foi: sem professor, não há aprendizado. E sem um professor bem treinado, que saiba dar aula, de nada adianta investimentos tecnológicos para baratear a Educação e ganhar escala porque nada disso substitui a presença do mestre em sala de aula. Ou seja, ou se conquistam os docentes ou não sairemos do lugar.

Na última semana de novembro, um seminário de dois dias organizado pelo Instituto Lemann e pela Universidade de Columbia, em Nova Iorque, reuniu mais uma vez especialistas brasileiros e estrangeiros para falar de práticas inovadoras na administração pública no Brasil, tendo como pano de fundo a Educação. No painel em que se discutiu "O Futuro do Aprendizado", o professor de Stanford Paulo Blikstein resumiu: "Aprender é difícil, não basta assistir a um filme ou jogar um videogame. O

aprendizado não acontece espontaneamente. A sala de aula exige disciplina – o que o aluno normalmente não tem –, requer uma verdadeira engenharia social para focar no aluno".

Segundo Blikstein, o papel da tecnologia da Educação, num país como o Brasil, é ajudar o professor, e não substituí-lo. "Quem tentou fazer isso, fracassou", afirmou, "porque o aprendizado requer a transmissão do conhecimento e a comprovação do entendimento do que foi transmitido". O que a tecnologia pode fazer, disse o professor, é oferecer atividades extras de aprendizagem, já que o ensino tradicional, expositivo, não mais compete com a internet.

Para Blikstein é uma ilusão achar que, usando a tecnologia, se fará a revolução educacional a custo zero. "Atividades *on-line* não nos darão o salto de qualidade ou a inclusão que buscamos. Esses cursos podem ter alguma utilidade para alunos que sabem a matéria e só precisam de reforço, ou aqueles com mais autonomia para aprender. Mas, para os que mais precisam, não servem".

O estudioso reiterou que é importante que o Brasil tenha metas de curto, médio e longo prazos, pois a Educação é projeto para duas ou três gerações. Ele alertou que o novo currículo nacional,

que está em elaboração, é uma meta de médio prazo porque será preciso treinar os professores e gerar os materiais didáticos, o que, segundo diz, é tarefa difícil, complexa e cara.

Ele revelou que o Pisa – o teste internacional que mede o conhecimento básico de alunos de 15 anos – vai mudar. "Não adianta atacar agora a Matemática para tentar melhorar a posição dos brasileiros, porque a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD), que realiza os testes, vai incluir nas próximas avaliações a capacidade dos alunos de cada país de resolver problemas". O objetivo, explicou, é testar as habilidades do século XXI, não apenas conteúdos, mas criatividade. "Não adianta dizer que temos que consertar primeiro as estradas e só depois os aeroportos", explicou Blikstein. O professor acredita, no entanto, que o Brasil é capaz de realizar o que precisa: "Fizemos isso na economia, fizemos na Saúde. Tivemos bons resultados. É seguir o mesmo caminho com perseverança".

Andrea Gouvêa Vieira

Jornalista, ex-vereadora do Rio de Janeiro

Jovens Empreendedores

Jéssica Almeida

Projeto multidisciplinar estimula alunos a tomarem decisões mais conscientes

Na culminância, cada turma criou sua barracuinha e colocou em prática o conteúdo aprendido ao longo do projeto



Criar logomarcas, visitar empresas, confeccionar produtos, assistir palestras, desenvolver um jornal. Parece coisa de “gente grande”, não é mesmo? Mas, dessa vez, essas atividades foram realizadas pelos alunos e pela equipe docente do Colégio Sant’Anna, situado em Araruama, município localizado no estado do Rio de Janeiro. O objetivo do projeto, intitulado *Jovens Empreendedores*, era fazer com que os estudantes pudessem tomar decisões financeiras mais conscientes e sustentáveis para a vida.

O tema foi sugerido pela diretora Alessandra Figueiredo e desenvolvido pelas coordenadoras Marinês Costa e Roberta Bragança junto à equipe dos docentes nos diversos segmentos. Além disso, todas as turmas – desde a Educação Infantil até o Ensino Médio – e disciplinas estiveram envolvidas com o projeto. As coordenadoras Marinês e Roberta explicam que os professores trabalharam em conjunto, pois sabiam que o sucesso dependia de todos.

A Educação Infantil trabalhou as profissões. Os pequenos estiveram em consultórios para estudar a atividade dos médicos, manusearam utensílios e cuidaram de uma boneca. Também ouviram o coração, examinaram o ouvido e colocaram o palitinho na boca, ao visitarem o local de trabalho do Dr. Carlos Alberto Figueiredo, que aproveitou a oportunidade para falar com eles sobre a saúde.

O 1º segmento do Ensino Fundamental falou sobre “dinheiro”. Para enriquecer mais o assunto, os alunos receberam a visita da bancária Vivian Marins, que proporcionou um bate-papo dinâmico, além de responder a perguntas. Foi reforçada a importância da ética, do respeito, do comprometimento, da visão e da honestidade para ocuparmos qualquer setor de trabalho na sociedade.



Os alunos expuseram seus produtos, os colocaram à venda e ainda receberam representantes das empresas que haviam visitado



Já os estudantes do 2º segmento (6º ao 9º ano) saíram a campo e visitaram algumas empresas. “Diante de tantas aprendizagens destacamos a preocupação com temas como o meio ambiente, o reaproveitamento dos materiais e a necessidade da higienização. Relatos dos empreendedores também contribuíram para desenvolver nos estudantes a cultura do planejamento, prevenção, poupança, investimento e consumo consciente”, destacam as coordenadoras.

O Ensino Médio projetou o jornal “Abuso de Ideias”. O nome foi escolhido através de votação junto à comunidade escolar. Os alunos escreveram sobre assuntos como ecologia e esportes, fizeram reportagens, entrevistas, propagandas, caricaturas e recadinho do coração. “A escola é um espaço fundamental para desenvolvimento das competências necessárias para o jovem enfrentar os desafios sociais e econômicos, e também para a construção do exercício da cidadania”, ressalta Marinês, coordenadora do 6º ano ao Ensino Médio.

Para culminar o projeto, os educadores promoveram um *workshop*. Eles e os alunos criaram a logomarca e estabeleceram valores. Todas as turmas expuseram seus produtos e os colocaram à venda. Além disso, receberam as empresas que já haviam visitado e contaram com a parceria da livraria Castro Alves. “Focamos nos valores de um empreendedor, falamos sobre gestão democrática e partimos para a escolha

de uma empresa para cada turma. A partir daí, escolhemos a logomarca, discutimos os custos e confeccionamos os produtos que foram comercializados. A desenvoltura e o empenho dos estudantes foram de arrepiar. Nossos jovens empreendedores mostraram que são de arrasar. Venderam tudo!”, garante a diretora Alessandra Figueiredo.

A equipe docente envolvida no projeto ressalta que os conhecimentos adquiridos favorecem a transmissão do aprendizado dos alunos a seus familiares e podem ajudá-los a conquistar sonhos individuais e coletivos, além de protagonizar suas trajetórias de vida. Com o dinheiro obtido, cada turma escolheu a melhor forma de usá-lo. A Educação Infantil, por exemplo, comprou um carrinho recheado com picolés de sabores variados. “Mais do que o prazer em sair do colégio com os amigos, foi a satisfação de pagar a conta com o dinheirinho conseguido com o próprio suor. Eles adoraram e nós também”, finalizam as coordenadoras.





Ser **Sustentável** é Ser **Humano**

Sandra Martins

Comunidade
escolar reforça
o uso das boas
práticas em nosso
meio ambiente

O planeta tem sido constantemente agredido pela ação do ser humano. Cresce o número de espécies em extinção. Reduzem-se as fontes naturais de energia. O homem também não cuida direito de seu próprio corpo. Entretanto, o próprio ser que destrói é o mesmo que busca recompor. Essas foram algumas das conclusões apresentadas durante a feira de ciências promovida pelo Centro Educacional Luciete Manhães, do bairro Jardim Sacramento, no município de São Gonçalo.

Com o tema *Projeto semeando um planeta melhor*, as turmas da Educação Infantil e do Ensino Fundamental tiveram oportunidade de não apenas se debruçar sobre informações, mas, sobretudo, aprender com parceiros como a empresa Pet Silvestre e o Instituto Vital Brazil, que, através da exposição de animais peçonhentos – lacraias, cobras, escorpiões, aranhas, entre outros –,



O projeto promoveu uma reflexão acerca do meio ambiente, bem como procurou desconstruir mitos sobre os animais peçonhentos, como serpentes e escorpiões

visou mostrar a importância daqueles seres para a produção de soros e remédios benéficos para a vida humana, bem como a conscientização sobre a relevância desses animais no equilíbrio do meio ambiente. Trataram também de tentar eliminar crendices como a de que cobra mama o leite materno.

Valorizar o meio ambiente é também valorizar a si mesmo, a família, o bairro, a cidade, o planeta, a escola. “É responsabilidade de cada um, no plano pessoal e coletivo. E isso tem de ser aprendido desde tenra idade. Por isso que a instituição investe em projetos pedagógicos e busca envolver a família em todo o processo”, disse Luciete Ma-

nhães, diretora-geral, que se orgulha de ter na comunidade escolar filhos de ex-alunos e professoras que lá iniciaram seus estudos. Para ela, família e escola devem traçar metas de forma simultânea, propiciando ao aluno uma segurança na aprendizagem, de forma a que venha criar cidadãos críticos capazes de enfrentar a complexidade de situações que surgem na sociedade, como a falta d’água, a poluição, o lixo, a sustentabilidade através da energia elétrica, a importância dos animais etc.

Na consecução do projeto, houve passeios pedagógicos, como a ida ao Museu da Light, no Centro do Rio. “Uma exposição fantástica em que vimos experimentos variados, jogos eletrônicos, fontes alternativas de geração de energia elétrica, enfim, um universo fantástico de informações que foram fundamentais para subsidiar as discussões em sala de aula e as propostas de montagem de maquetes para a nossa feira”, disse a coordenadora pedagógica Márcia Brito.

Tudo foi planejado através de várias etapas, como apresentação da proposta ao corpo docente, adequação ao conteúdo programático, debate com os alunos, escolha dos temas, organização dos grupos, pesquisas, palestras, sistematização de dados, produção de maquetes e cartazes, ambiências e ensaios. Os ensinamentos foram assimilados com a ajuda de livros, contação de histórias, audiovisuais e a participação em palestras, quando os estudantes conheceram histórias de animais “diferentes”, aprenderam sobre a preservação da fauna e tiraram diversas dúvidas, além de serem levados a desconstruir certos mitos culturais, através de ações de educação ambiental.

O que fazer com o lixo jogado no meio ambiente, como lidar com a poluição sonora, reconhecer o mundo que temos e construir o que queremos foram questões trabalhadas pelas séries iniciais da Educação Fundamental, como o 2º ano. Segundo a professora Vânia Regina de Souza, as crianças assistiram o vídeo “Um plano para salvar o planeta Terra”, da Turma da Mônica, que os ajudou a pensar no lixo produzido no cotidiano, incluindo a sala de aula. Ao mesmo tempo em que discutiram, desenharam, contaram histórias, leram sobre reaproveitamento, os pequenos puderam pôr em prática os 3Rs – reduzir, reutilizar, reciclar. Vânia percebe mudanças nas crianças, como a de alertarem o amiguinho a utilizar o verso da folha para desenhar, buscando evitar o desperdício.

A tia Cláudia, do Pré-II, contou que os pequenos compreenderam que o planeta estava doente devido à ação do ser humano. Para ajudar na explicação, a professora se utilizou da música “O Planeta Azul”, da Turminha do Tio Marcelo. Cada estrofe da canção foi trabalhada de forma que se visualizassem situações como a fumaça de carros e o desmatamento. A letra inicial do nome dos animais



Através da criação de maquetes, foi propiciada aos alunos conscientização referente à poluição emitida nas grandes cidades

que sofriam com a perda de áreas verdes era sinalizada de maneira a que a criança associasse a letra à imagem e ao significado.

A alimentação também foi tema de diversas abordagens. As professoras Thatilli e Lorrana, respectivamente Pré-I e Jardim II, desenvolveram o subprojeto *Alimentação Saudável* em que a cada dia os alunos eram levados a conhecer as variadas frutas. Diariamente os pequenos ouviam uma história sobre uma delas, então a pintavam, se aproximavam e se apaixonavam. Depois, a viam, tocavam nela e, finalmente, as professoras colocavam um leite condensado e... pronto... a comiam felizes. "Teve mãe que perguntava o que nós fizemos, pois o filho ou a filha passaram a comer fruta sem reclamar", disse Thatilli, contente com a repercussão do trabalho bem feito de mudança de hábito alimentar.

E, finalmente, o *tour* pela boa alimentação foi fechado com o encontro com os animais que atendiam as necessidades do ser humano. Entretanto, mais do que dizer que a abelha faz o mel, as crianças do Jardim II e Pré-I precisavam ver de perto esse inseto, com total segurança. E o mesmo com outros animais que produziam alimentos para o homem ou serviam para alimentá-lo. Este encontro, a princípio inacessível, oportunizando o despertar dos quatro sentidos humanos, a partir de experiências diretas, foi a proposta de Tia Taiana.

Assim foi com o vidro cheio de abelhas, o frasco de própolis e o pote de mel; a galinha viva com os ovos e o frango assado; o vídeo dos 3 Porquinhos e o *bacon* e linguiça; e o vídeo da vaca e o bife, entre outros animais. Mas, um detalhe interessante: o colégio levou uma vaca para o local. Ou melhor, montaram uma. As professoras forraram uma estrutura de metal com papel branco enfeitado com as mãos cheias de tinta das crianças, o focinho foi pintado e colocaram um lenço vermelho. A proposta era que elas vivenciassem a ordenha do animal leiteiro. Para tal, puseram duas luvas, uma dentro da outra, com água, amarradas na estrutura de metal que ficara disfarçada. Segundo a professora, a fila não parava, todas as crianças queriam "ordenhar a vaquinha". Ou seja, um sucesso total.





Cine Teatro Eduardo Coutinho

Com mais de 200 lugares e uma programação variada, que inclui desde lançamentos comerciais a sessões de clássicos em tecnologias 2D e 3D, o Cine Teatro Eduardo Coutinho, que integra a Biblioteca Parque de Manguinhos, já ultrapassou a marca de 10 mil visitantes que assistiram as exibições a preço popular.

Com pouco mais de um ano de existência, o Cinema da Biblioteca, criado em homenagem ao grande cineasta brasileiro, funciona de terça-feira a sábado, a partir das 12h30, com sessões especiais para as escolas em horários alternativos. Os moradores de Manguinhos e comunidades em torno da Biblioteca são beneficiados e têm direito à meia-entrada, bastando apenas a apresentação de uma conta de luz. Essa promoção também se estende aos sócios das bibliotecas parque e aos casos previstos em lei.

O projeto que promove cultura na comunidade consiste na disponibilização de longas-metragens estabelecendo vínculos e diálogo com o público. Para isso, além das sessões diárias, um cineclubes mensal proporciona projeções com encontros e debates com diretores de cinema. Junto à sala, nasce também o projeto *Favela Criativa*, da Secretaria de Estado de Cultura, que visa à formação artística e à especialização em gestão cultural a partir de interações com os jovens.

O espaço, que tem servido como opção de lazer e entretenimento, principalmente para crianças e adolescentes em férias escolares, tem o objetivo de levar o público local a se identificar e criar o hábito de frequentar o lugar, explica Tatyana Paiva, gestora do cinema. “Primeiro, precisamos conquistar o público. Por isso, fazemos pesquisas para saber o que eles mais querem assistir”, revela a gestora. A proximidade com a biblioteca também tem influenciado a programação. “Temos uma liberdade muito grande de dialogar com a vida cultural que há nas atividades da biblioteca. Estamos atentos às adaptações literárias”, enfatiza Tatyana.

Colaboração: Richard Günter





Escassez da água, problemática de todos

Crise hídrica é a gota d'água na vida do planeta

Sandra Martins

“Só para constar. A Feira da Cultura no nosso ano estava bem melhor, porque nós estávamos aqui. Eu fazia jus a nossa feira!” A declaração, feita em meio a risos, era do jovem Mateus Dalt, ex-aluno do Centro Educacional Panisset da Silva, que brincando mostrava o quanto aqueles eventos pedagógicos marcaram sua vida. Nesta IX edição, as turmas do 6º ao 9º ano se debruçaram sobre a problemática da escassez da água.

De acordo com Cidinha Flôres, coordenadora pedagógica da instituição, a proposta do projeto interdisciplinar foi trazer um tema que vem sendo pautado como prioritário na agenda política e social brasileira: a água. Após o debate junto ao quadro de professores, foi feito um sorteio para definir as turmas que se debruçariam sobre o projeto extraclasse. Cada uma delas ficaria sob a responsabilidade de um docente como orientador.

A diversidade de abordagens e o empenho dos estudantes em apresentar conceitos teóricos de forma palatável,

ou seja, assimilada e sem a chamada “decoreba”, mostrou que o conteúdo extracurricular ultrapassa a sala de aula e que será levado para a vida dos jovens. Pelo menos é o que defende Mariana Queiroz, professora de Português, ao enfatizar que os alunos se mobilizam para entender os conteúdos e aplicá-los no seu cotidiano.

O reconhecimento da importância da água para o surgimento e a manutenção da vida e sobrevivência dos seres vivos e do próprio planeta, além de variados experimentos, como águas saborizadas e a erupção de um vulcão, foram algumas das discussões apresentadas pelos alunos do 6º ano. Cláudia Soares, professora de Ciências, incentivou a turma 1.623 a trabalhar com um terrário. Neste recipiente onde se reproduzem as condições ambientais necessárias para diferentes seres vivos, o objetivo foi associar a sua montagem ao ciclo da água na natureza. Na experiência, os jovens observaram que se o terrário ficar aberto o solo



Para culminância do projeto, cada turma usou uma abordagem diferente para falar sobre a água e mostrou que o conteúdo aprendido ultrapassa a sala de aula



Uma curiosidade que os alunos descobriram foi de que as mulheres dos antigos macedônios se banhavam com água fria após o parto para evitar hemorragias, e os romanos cultivavam o hábito dos banhos públicos

ditivas, foi o objetivo das ações desenvolvidas pela professora Janaina Corletto com as turmas do 9º ano. Ou seja, promover a ligação entre escola, alunos e a comunidade. Este objetivo parece ter sido amplamente atingido, conforme colocou Ana Paula, mãe da pequena Ivis, da turma 1.711, que elogiou o envolvimento das crianças no projeto que englobou toda a comunidade escolar e também a família. “Essas atividades são muito importantes, pois

ajudam na construção do conhecimento de forma prazerosa, possibilitando uma autonomia que implica a responsabilidade para com a equipe, resultando em experiências que vão ser levadas para toda a vida”, salientou.

seca e, conseqüentemente, as plantas murcham, mas, se for fechado com plástico, as paredes se mostram embaçadas, a terra fica úmida e as plantas, molhadas. As turmas do 7º ano trabalharam as peças publicitárias e seu potencial como fonte inspiradora na elaboração de poemas visuais. A proposta da professora de Português Mariana Fernandes tinha como propósito que os alunos conhecessem os elementos que compõem os anúncios e os elementos distintivos deste gênero. Para tanto, foram desenvolvidas várias etapas: seleção dos anúncios com tema ligado à água; reconhecimento das características presentes nas peças selecionadas (assunto, título, corpo do texto, linguagem visual e logotipo); classificação por temas: os que apresentavam o reuso da água, seu uso consistente e os que falavam da escassez; e produção de elementos gráficos, como cartazes, panfletos e brindes, que serviram para a criação da peça publicitária principal da turma – o anúncio –, que foi apresentado na feira.

Janaina fez questão de ressaltar que o planejamento foi evoluindo através das pesquisas elaboradas, distribuição, utilização e organização de materiais didáticos e tarefas. Os alunos vão paulatinamente se emancipando, ficando a professora “apenas como mediadora, deixando fluir o fazer artístico do corpo discente”. As intensas trocas de informações e de *selfies* durante as apresentações demonstraram que mais uma vez a tradicional Feira da Cultura foi um sucesso. Este modelo ensino-aprendizagem é estimulante e envolvente, pois os alunos participam ativamente e descobrem que o que fazem, além de ser prazeroso, tem retorno em conhecimento, (in) formação e os ajudará no cotidiano ao longo de suas vidas. “Contribuir positivamente na experiência do outro é sempre algo muito bom”, afirmou Cidinha Flôres, contente com os objetivos alcançados.

A utilização da água ao longo da história, sua ação terapêutica na cura de doenças e benefícios à saúde, assim como o reuso, foram questões exploradas pelas equipes do 8º ano. De acordo com a professora Ana Lúcia de Mattos, os estudantes pesquisaram as diferentes civilizações relacionando o emprego do precioso líquido e os cuidados com a saúde. Entre os curiosos exemplos, as mulheres dos antigos macedônios, que se banhavam com água fria após o parto para evitar hemorragias, e os romanos, que cultivavam o hábito dos banhos públicos. Foram realizadas oficinas e a montagem de um ofurô, costume tradicional no Japão – dos tempos dos samurais –, que se caracteriza pela imersão em água quente numa banheira construída com uma madeira própria.

A articulação dos aspectos históricos, físicos, sociais e artísticos, de forma a levar o aluno a compreender, relacionar e expressar suas ideias, sentimentos e experiências pro-

Centro Educacional Panisset da Silva
Estr. Conceição, 1.158 – Itaúna – São Gonçalo/RJ
CEP: 24461-840
Tel.: (21) 3606-9807
E-mail: panissetdasilva@yahoo.com.br
Coordenadora Pedagógica: Cidinha Flôres
Fotos: Marcelo Ávila



RIO 450 anos de cultura e história

Marcela Figueiredo

A cada dois anos, acontece no Colégio Salesiano de Rocha Miranda a Feira Cultural. A escolha do tema é feita de forma bastante democrática: educadores fazem uma pesquisa de interesse entre os estudantes para avaliar com qual assunto relacionado à cultura eles mais se identificam. Não foi surpresa que o aniversário da cidade em que moram estivesse entre o mais cotado. Sendo assim, o tema da Feira Cultural de 2015 foi “Rio 450 anos”.

Mais do que comemorar o aniversário do Rio de Janeiro, o objetivo do projeto foi envolver os estudantes na história da cidade. “O fato de trabalharmos um tema que faz parte do currículo escolar e que ao mesmo tempo é de interesse dos alunos faz com que eles se dediquem à pesquisa e à apresentação de um bom trabalho. O que chamou muito minha atenção foi a dedicação deles e a vontade de apren-

der coisas novas”, relata Fátima Mallet, diretora da unidade escolar.

A culminância foi em novembro, mas o projeto começou a ser implementado logo no início do ano letivo, especificamente no mês de abril, quando foram apresentados o cronograma e o pré-projeto. Mais de 500 estudantes mergulharam na história da cidade que nem sempre é tão maravilhosa quanto pode parecer. Divididos em grupos e orientados por um professor, os educandos selecionaram 80 subtemas para estudo. O processo de trabalho incluiu discussões em sala de aula, pesquisa na internet e em livros, visita aos espaços históricos, entrevistas, caracterização e ornamentação das tendas de apresentação.

“O interessante nesse tipo de projeto é que ele possibilita que o educando exerça a autonomia. O professor coordena o grupo, mas é o aluno quem busca o conhecimento.





Isso faz pensar e facilita o crescimento cultural e intelectual do estudante. Nesse caso em específico, houve a expansão do conhecimento sobre a cidade em que moram”, avalia Priscila Falci, professora de História.

Educandos dos ensinos Fundamental e Médio apresentaram pesquisas sobre os mais variados assuntos, desde a colonização até os dias atuais. Teve trabalho sobre população indígena, transportes urbanos, carnaval, pontos turísticos, moda, música, futebol, Olimpíadas, política, história e muitos outros. Tudo com foco no que aconteceu ou aconteceu no Rio de Janeiro nos últimos 450 anos.

Os alunos e alunas do terceiro ano do Ensino Médio, por exemplo, escolheram pesquisar sobre os dois principais episódios de turbulências urbanas do Rio durante a República Velha: as revoltas da Vacina e da Chibata. “Escolhemos o assunto por se tratar de manifestações políticas de cunho social. Queríamos um tema histórico que explicasse esses fatos para as pessoas e que ao mesmo tempo nos ajudasse nos estudos para a prova do Enem”, justifica Letycia Mallet. “Ainda hoje nós vemos a repetição do tipo de discriminação que era praticado naquele período. É importante para a gente entender o contexto histó-

rico e possibilitar que outras pessoas também tenham acesso a importantes informações dessa natureza. Só assim teremos uma transformação de fato”, complementa Ludmila Maria da Costa, também aluna do Ensino Médio.

Durante a Feira, os estudantes explicavam aos professores, responsáveis e visitantes a metodologia que utilizaram nas pesquisas e o que aprenderam. Alguns se surpreenderam com o resultado positivo do trabalho. “A educação necessita desse tipo de projeto, pois ele possibilita que o aluno desenvolva conceitos. O professor não deve entregar tudo pronto, seu papel é colaborar para a construção do conhecimento pelo próprio estudante. Isso só acontece quando educadores e responsáveis se envolvem com o trabalho”, ressalta a diretora.

Colégio Salesiano – Unidade Rocha Miranda
Rua dos Topázios, 375 – Rocha Miranda
Rio de Janeiro/RJ
CEP: 21540-020
Tel.: (21) 2471-2277
Site: salesianorm.com.br
Direção: Fátima Mallet
Fotos: Marcelo Ávila



Divididos em grupos e orientados por um professor, os alunos selecionaram 80 subtemas para estudo e mostraram o que aprenderam na culminância do projeto





Rio: paisagens, encantos e seus recantos

Projeto discute a importância da Cidade Maravilhosa em diferentes contextos

Jéssica Almeida

A cidade do Rio de Janeiro é uma das mais famosas e conhecidas no mundo pelas suas exuberantes paisagens e o seu povo acolhedor. Em 2016, sediará os Jogos Olímpicos, sendo preparada em sua estrutura para receber os atletas e turistas, qualificar seus espaços públicos e atender a imprensa nacional e internacional. Porém, muitas vezes, cariocas e fluminenses não conhecem a fundo a história dos bairros que constituem a cidade. Com esse pensamento, os professores do Colégio Estadual Marechal Zenóbio da Costa, localizado em Nilópolis, criaram o projeto *Rio, 450 anos: paisagens, encantos e seus recantos*.

O intuito do trabalho – desenvolvido durante o 1º semestre de 2015 com os alunos do Neja – era destacar as belezas naturais do Rio de Janeiro e discutir a importância da cidade nos contextos ecológico, turístico, geográfico e econômico. Além disso, relacionar os bairros, sua importância, legado e estrutura, praticando a reciclagem através do uso de materiais que seriam descartados de forma indevida na natureza. Sem esquecer, é claro, de valorizar a cultura e a musicalidade que se destaca na Cidade Maravilhosa.

Diversos professores e disciplinas estiveram envolvidos no projeto, entre eles: Lourdes Correia (Geografia), Fábio José (Língua Portuguesa), Alex Perlúcio (Matemática), David Berkowicz (História) e Marcelo Carlos (Filosofia). Durante as aulas de Geografia, os estudantes fizeram uma pesquisa sobre os bairros da cidade, sua composição e paisagens. Em Língua Portuguesa, realizaram um levantamento da parte literária, produzido a partir das letras de músicas que falam sobre o Rio e a toponímia de cada localidade. “A cidade tem uma estrutura econômica importante para o Brasil, sendo um polo de turismo, gastronomia, cultura e lazer. Torna-se importante efetuar esse levantamento histórico e cultural, sem esquecer dos elementos componentes e da inter-relação que ocorre na própria cidade, através das vias de acesso, meios de transportes e serviços públicos e particulares oferecidos”, destacam os educadores.

Em Matemática, a turma confeccionou gráficos a partir das informações sobre área do bairro, população e distância em relação ao centro da cidade. Já em História, o professor ensaiou algumas músicas sobre o Rio de Janeiro com os alunos, num coral ao som do violão. E em Filosofia a turma realizou um jogral, baseando-se na música “Aquele abraço”, e foram também confeccionados painéis – parecidos com cartões-postais – feitos com o princípio da sustentabilidade. Caixas de sapatos e tecido TNT estiveram entre os objetos utilizados pelos alunos. “É muito importante usar materiais recicláveis no



nosso dia a dia, principalmente nos trabalhos escolares, como exemplo e incentivo para o cotidiano dos alunos, além de observar a necessidade de recuperação de materiais e evitar não só o desperdício e o descarte incorreto, como o uso indiscriminado da matéria-prima, em processo de esgotamento no planeta”, ressaltam os professores.

Para culminância do projeto, os professores de História e de Filosofia ensaiaram os alunos para formarem um coral, cantando músicas que destacam o Rio de Janeiro. “A maioria delas era das décadas de 1960, 70 e 80. Os estudantes não conheciam a maior parte, mas aprenderem a interpretar e valorizar a letra, apesar de serem de um contexto diferente do cotidiano deles, mesmo já tendo ultrapassado os 18 anos. São alunos de variadas origens e culturas, alguns evangélicos, outros adoram *funk*, outros *rap*. Com o projeto, eles descobriram como essas músicas são importantes para a nossa história”, garantem David e Marcelo.

A professora Lourdes Correia resalta que, além do aprendizado interdisciplinar na sala de aula, os estudantes receberam uma gama de informações culturais de uma parte importante da cidade. “O que nos privilegia nessa trajetória educacional refere-se, principalmente, à integração das turmas, empenhadas no projeto, com todos ajudando uns aos outros e orientados pelos seus professores. Criam-se novos laços de amizade, solidariedade e respeito. Esse é o papel social da escola trabalhado através dos projetos. O aluno não fica sem aula, sem o conteúdo básico, uma vez que a atividade correlaciona os pontos a serem ministrados. Os jovens ganham experiência, adquirem confiança e assimilam o conceito de trabalho em equipe, de forma interdisciplinar, percebendo o conteúdo na prática. E isso é um grande aprendizado para a vida!”, finaliza Lourdes.



Para culminância do projeto, os professores de História e de Filosofia ensaiaram os alunos para formarem um coral, cantando músicas que destacam o Rio de Janeiro

Colégio Estadual Marechal Zenóbio da Costa
Rua João Rodrigues da Cunha, 195 – Olinda
Nilópolis/RJ
CEP: 26510-056
Tel.: (21) 2791-1408
E-mail: cemarechalzenobiodacosta@educacao.rj.gov.br
Fotos cedidas pela escola



Rio de ontem e de hoje

Feira Cultural possibilita análise sobre a história dos 450 anos da cidade

Marcela Figueiredo

Há 450 anos surgia a cidade que mais tarde passou a ser chamada de Rio de Janeiro. Para possibilitar que os estudantes ampliassem seus conhecimentos sobre a sua rica história, a equipe pedagógica do Colégio Bahiense – unidade Vaz Lobo – utilizou o aniversário da cidade como tema da Feira Cultural de 2015.

“Esse é um evento que já faz parte do calendário da escola e todos os anos abordamos temas que contribuem para o aumento do conhecimento dos alunos. Nós não poderíamos passar pelo aniversário de 450 anos do Rio sem dar a devida importância ao fato”, explica Grasiela Braga, coordenadora pedagógica da unidade.

Além dos diferentes tipos de governo que o Rio de Janeiro já teve, os educandos fizeram um verdadeiro passeio pelo que a cidade tem de mais interessante. Nas apresentações, temas que ajudam a compor a identidade carioca, como o carnaval, o lendário profeta Gentileza, os Jogos Olímpicos de 2016, os impactos da urbanização, os pontos turísticos, o futebol, o período imperial e outros.

Aluno do sétimo ano, Renan Salles mostrou que aprendeu como devia a história de um dos símbolos mais representativos do Rio Antigo: “Os Arcos da Lapa chamam a atenção princi-





palmente pelo projeto de arquitetura, muito elaborado para a época. Foi construído pra ser um aqueduto, pois naquele período existiam problemas de distribuição de água na cidade, mas se popularizou tanto que foi transformado em ponto turístico”, explica o estudante.

Ao mesmo tempo, alunos do quinto ano explicavam aos visitantes fatos da política brasileira. Alice do Nascimento Mathias analisou as letras de algumas músicas escritas durante os “anos de chumbo” e fez a comparação entre aquele período e os dias atuais: “Eu não gostei de tomar conhecimento da violência que existia naquela época, as pessoas não podiam se expressar, tiravam delas até o direito de pensar. Hoje em dia a gente pode falar e se manifestar sem ser punido por causa disso”, argumenta a educanda.

Os alunos do primeiro ano ficaram responsáveis por uma pesquisa quantitativa sobre a presença das torcidas das escolas de samba no evento. Uma aluna ficou encarregada de perguntar a cada frequentador qual era a sua escola do coração e ia anotando em pequenos quadros. A intenção, segundo a professora, é fazer um gráfico representativo das agremiações no evento pedagógico. Na mesma turma dois alunos realizaram uma apresentação como casal de mestre-sala e porta-bandeira.

Ao todo, foram dois meses de pesquisa e preparação das apresentações para que no dia da Feira Cultural todos os alunos estivessem completamente familiarizados com a história da cidade em que vivem. “A vantagem de realizar um trabalho desse tipo é possibilitar que os estudantes adquiram conhecimentos abrangentes e aprendam de forma descontraída. Eles vão levar esse aprendizado por toda a vida e de imediato conseguem fazer uma relação entre o passado e o contemporâneo”, complementa Grasiela.

Os trabalhos dos estudantes foram baseados em temas que ajudam a compor a identidade carioca, entre eles os pontos turísticos e o carnaval



Colégio Bahiense – unidade Vaz Lobo
Av. Ministro Edgard Romero, 870 – Madureira
Rio de Janeiro/RJ
CEP: 21361-140
Tels.: (21) 3351-3086 / 3391-3740
Coordenação pedagógica: Grasiela Braga
Fotos: Marcela Figueiredo



Os autores e sua carioquice

Jéssica Almeida

Incentivar o prazer em ler, ouvir, contar e criar histórias. Essa foi a ideia do projeto realizado pela Escola Municipal Barão do Amparo, localizada em Campinho, no Rio de Janeiro. Intitulado de *Os autores e sua carioquice*, a atividade desenvolvida durante o ano letivo de 2015 na Sala de Leitura, em homenagem aos 450 anos da cidade, possibilitou que todos os alunos da Educação Infantil, Ensino Fundamental I, Classe Especial, Projeto Realfabetização (Realfa) e os professores tivessem a oportunidade de conhecer a obra literária de alguns autores cariocas.

Foram estudados nomes como Sonia Rosa, Sylvia Orthof, Celso Cisto, Cecília Meirelles, Ana Maria Machado, Roseana Murray, Mariana Massarani e Fernanda Lopes de Almeida. A professora Marcia Brum, explica que os livros lidos e trabalhados foram empregados de acordo com a faixa etária dos alunos, o ano de escolaridade e o nível das turmas. Além do incentivo à leitura, a iniciativa tinha como objetivo envolver toda a comunidade escolar, em especial os alunos, através da leitura de livros e atividades que propiciem a reformulação e reflexão de seus hábitos e atitudes de forma crítica, despertando nos alunos a organização do pensamento e a criação de ideias. “Queríamos também formar leitores, contribuir com a promoção do conhecimento e a ampliação do vocabulário, de modo a integrar a Sala de Leitura com todos os segmentos da Unidade Escolar”, explica Marcia. A educadora conta ainda que as crianças leram, interpretaram, se emocionaram muito com as obras. “A Sala de Leitura é um local mágico que encanta, fascina, propicia a criação. Desenvolve a imaginação, amplia o vocabulário e nos faz viajar através dos livros”, descreve Marcia.

A convite das diretoras Eloisa Jesus, Sheila Rabello e da professora Marcia Brum, a escritora Sonia Rosa aceitou participar da culminância do projeto. “Os alunos motivados pela leitura dos livros da escritora dedicaram-se e capricharam na realização de lindos trabalhos. A escola ficou incrível, exalando a literatura produzida pela autora. O pátio interno da escola transformou-se num cenário encantado. Uma mistura de livros, cartazes, exposições, amor, dedicação para unir dois importantes personagens na magia da leitura: a autora e o leitor”, conta Marcia.

Baseado no conteúdo aprendido, cada turma realizou um trabalho diferente. Os alunos da turma 1.401, orientados pela professora de Educação Física Daniele Rodrigues, dançaram o Maculelê. Já a 1.402, liderada pelas professoras Amélia Cajazeira e Marcia Brum, encenou alguns dos especiais personagens da escritora. A Educação Infantil contou com a ajuda das docentes Adriana Nunes, Alessandra Fernandes, Carmem Barbosa, Cristina, Patrícia Rodrigues, Stefania de Brito e Rosane Santos, que orientaram os pequenos na confecção de livrinhos e de uma maquete com massinha, sob supervisão também da professora Luciana Fernandes, de Artes. A Classe Especial, auxiliada pela professora Luiza Arruda, organizou uma exposição para enaltecer os livros “Jongo” e “Tabuleiro da Baiana”, de Sonia Rosa. Por fim, a professora Mariana Fragale, após a leitura do livro “Menino Nito”, conduziu a turma do 1º ano a uma releitura, o que deu origem a uma outra obra: “A Menina Anita”.



A partir da leitura de livros, os pequenos produziram diversos trabalhos e ainda conheceram a escritora Sonia Rosa



na capa, vi que tinha sido escrita por Sonia Rosa. Eu fiquei emocionado com tudo isso”, lembra o pequeno.

A professora de inglês Helena Langoni afirma que o evento levou os professores a trabalharem com os alunos a criatividade, a interdisciplinaridade e a união. Maria Amélia Cajazeira Pereira, professora do 4º ano, ressalta que a culminância do projeto aconteceu de maneira muito gratificante, não só para os docentes, mas também para os estudantes porque foram brindados com presenças que abrilhantaram o evento. “Todos ficaram muito felizes. Uma das minhas alunas ficou muito

emocionada, afirmando que nunca tinha visto uma escritora na vida. Uma atividade como essa é de grande importância, pois, além de aumentar a autoestima, ajuda a semear o gosto pela leitura”, finaliza.

Ao final do evento, Sonia Rosa foi presenteada com uma linda caricatura, feita pela aluna do 5º ano Larissa Vitória Pereira de Brito e com o livro “Cortes e Recortes da Barão do Amparo” escrito pelos professores da escola, com relatos verídicos da vida profissional, recheados de recordações, emoção e carinho. O evento contou também com a participação da dançarina profissional Jéssica Castro, que fez uma apresentação de Jongo.

O aluno Kayke Assis de Medeiros, da turma 1.301, garante que Sonia Rosa é “a maior escritora do mundo” e que gostou muito da apresentação e da história da autora. “Um dia, eu li uma narrativa muito boa e, quando fui olhar



Escola Municipal Barão do Amparo
Rua Ana Teles, 30 – Campinho – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 21341-460
Tels.: (21) 3018-2319 / 3018-2463
E-mail: emaparo@rioeduca.net
Fotos cedidas pela escola

Química da cabeça aos pés

Mariza Magalhães

LF Editorial – Tel.: (11) 3459-4326

Usando uma linguagem bem simples e direta, o objetivo deste livro é abordar, à luz do conhecimento químico básico, um pouquinho desses recursos fantásticos oferecidos pelo desenvolvimento vertiginoso da ciência Química dos quais o ser humano tem lançado mão, às vezes até exageradamente, para atingir seu padrão pessoal de beleza e felicidade.



Maraca

Isabella Reinert Thomé

Editora Porto de Ideias – Tel.: (11) 3884-3814

Maraca é uma garça macho, que vive no rio Maracanã, e se vê em apuros quando um objeto fica preso ao seu corpo, fruto da poluição que este rio sofre. Um livro que aborda a degradação de nossos ecossistemas, mas com o toque da versatilidade e esperanças cariocas.



Atividades corretivas de compreensão leitora, produção textual e escrita

Simaia Sampaio

Wak Editora – Tel.: (21) 3208-6095

Este livro é o terceiro volume da Coleção de Atividades da autora, que traz trabalhos de estimulação para a compreensão leitora por meio de exercícios graduais destinados a pessoas com dislexia, em qualquer idade, e àqueles que tenham dificuldade de leitura como causa secundária.



Ensino disciplinar e transdisciplinar – uma coexistência necessária

Ana Cristina Souza dos Santos, Eliane de Souza Silva Bueno e Sandra Barros Sanchez – Akiko Santos e Américo Sommerman (organizadores)

Wak Editora – Tel.: (21) 3208-6095

Este livro sintetiza as discussões internacionais sobre a trajetória das modalidades de organização do conhecimento e dos conceitos que as fundamentam, a disciplinaridade, a pluridisciplinaridade, a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade.



Aprendizagem significativa – modalidades de aprendizagem e o papel do professor

Júlio César Furtado dos Santos – Editora Mediação – Tel.: (51) 3330-8105

Leitura recomendada a estudantes de todas as licenciaturas e professores de qualquer segmento de ensino, além de gestores e coordenadores pedagógicos. Apresenta fundamentos teórico-práticos sobre o ato de aprender sob o ponto de vista de diferentes correntes epistemológicas.



Educação de jovens e adultos – reflexões a partir da prática

Jaqueline Luiza da Silva e Pedro Carlos Pereira (orgs.) / Autores diversos

Wak Editora – Tel.: (21) 3208-6095

O livro convida a um olhar atento sobre as diferentes realidades vivenciadas pelos educadores da EJA que, ao produzirem seus textos, já realizaram reflexões sobre suas práticas educativas.





Nessa última edição do ano da Revista Appai Educar, em que homenageamos o Dia da Consciência Negra e abrimos espaço para matérias e projetos que prestigiem este tema, a coluna Língua Portuguesa inicia uma série de artigos sobre a influência dos idiomas e falares de origem africana no português praticado no Brasil. Prepare-se para algumas surpresas e conhecimentos sobre uma questão pouco tratada nos estudos linguísticos entre nós. Os artigos também pretendem ser uma singela contribuição desta publicação para os objetivos da Lei nº 10.639, que determina a obrigatoriedade do estudo da história e da cultura africana e indígena nas escolas brasileiras.

Línguas africanas no Brasil

Em geral, os estudiosos das contribuições dos falares africanos no português brasileiro destacam duas grandes influências, provenientes de duas culturas africanas que predominaram durante os tristes anos do tráfico negreiro. São elas:

- As línguas originárias dos povos de cultura Banto, praticantes de idiomas que muito influenciaram a nossa maneira de falar o português, como o Bacongo e o Ovimbundo.
- As línguas provenientes dos grupos culturais da África Ocidental, com destaque para um idioma formado por uma infinidade de falares semelhantes, que entre nós ficou conhecido como Iorubá.

Influenciando o falar dos brasileiros

Ao contrário do que algumas pessoas pensam, o estudo dos falares populares é tão fundamental para o conhecimento de uma língua quanto a abordagem dos modos "cultos" de usar o idioma. Por esse motivo, é muito importante estudar as formas como os africanos utilizaram a língua portuguesa que aprenderam entre nós, porque daí saíram muitos usos linguísticos que estão no dia a dia, na oralidade dos brasileiros. Vamos conhecer alguns deles?

- **Omissão da última consoante nas palavras:** as formas infinitivas dos verbos são um bom exemplo. Os portugueses pronunciam muito claramente o "r" final dessas palavras e até acrescentam mais alguma coisa (exemplos: *falaire*, *dizere* etc.). Entre nós esses fonemas finais praticamente não são pronunciados e, quando o são, constituem uma flagrante exceção. Assim, basta observar a fala de qualquer brasileiro para percebermos frases como: "Vou te *dizê* uma

coisa" ou "*Chega de **falá** nisso!*". Uma variante desse falar é, ao invés da omissão, a transformação desses fonemas consonantais em vocálicos, como se vê em palavras como "Brasil" ou "calvário", em que o "l", bastante pronunciado pelos portugueses, se transforma na vogal "u".

- **A palatalização das consoantes "d" e "t" quando precedem a vogal "i":** o falar dos povos de origem africana popularizou por todo o país pronúncias como as que a maioria de nós usa em palavras como "dia" (*djia*) ou "artigo" (*artjigo*). Essa forma de falar se espalhou com tamanha intensidade que acabou por transformar-se na forma padrão do português brasileiro. A tal ponto que classificamos como falar regional ou sotaque a forma com que palavras com esse fonema são pronunciadas na maior parte de nossa região Nordeste, onde o uso preserva o falar dos portugueses.

Conquanto algumas dessas formas não estejam de acordo com o emprego dito culto da língua, raríssimos são os brasileiros que não as pratiquem, seja qual for a classe social ou o nível de escolaridade. À forma de os africanos pronunciarem esses fonemas devemos esses traços tão característicos do falar nacional.

Na próxima edição abordaremos outras formas de usar a língua portuguesa entre nós que foram resultado de contribuições de falantes de origem africana. Nas páginas que se seguem, a Revista Appai Educar traz para você uma série de matérias produzidas por várias escolas, voltadas para homenagear o [Dia da Consciência Negra](#). São projetos, feiras culturais e atividades interdisciplinares nas quais foram propostas aos estudantes e às comunidades escolares como um todo reflexões necessárias sobre essa cultura fundamental para a formação do povo brasileiro. Até a próxima, pessoal!

*Sandro Gomes é Graduado em Língua Portuguesa e Literaturas Brasileira e Portuguesa, Revisor da Revista Appai Educar, Escritor e mestrando em Literatura Brasileira.

Amigo leitor, dúvidas, sugestões e comentários podem ser enviados para a redação da Revista Appai Educar, através do e-mail: redacao@appai.org.br.



Patrimônios (I)materiais brasileiros

Sandra Martins

Preservação da rica diversidade histórico-cultural regional e nacional

A Folia de Reis, tradicional festejo católico de origem portuguesa; a Fazenda Colubandê, marco da arquitetura colonial brasileira construída em 1618; a casa de Zélio Fernandino de Moraes, onde dirigiu a primeira sessão da religião de Umbanda em 1908 no bairro de Neves. As três referências, localizadas no município de São Gonçalo, são classificadas como patrimônios culturais. Entretanto, além da necessidade do amparo legal, é fundamental que a sociedade reconheça a importância desses locais como contributos na constituição identitária regional e nacional brasileira, rica pela sua diversidade histórico-cultural.

Trazer à tona a discussão sobre patrimônios brasileiros, focando sua importância para a constituição histórico-cultural regional e nacional, foi o objetivo do projeto *Feira de Tradições Populares – Patrimônio Material e Imaterial*, desenvolvido no Colégio Estadual Frederico Azevedo, no bairro de Itaúna, no município de São Gonçalo. O trabalho envolveu turmas do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental e as do Ensino Médio, manhã e tarde.



O projeto promoveu reflexão acerca dos patrimônios de São Gonçalo, que podem deixar de existir muito em breve

De acordo com o coordenador do projeto, professor Ivan de Oliveira, de Artes, São Gonçalo tinha, na década de 1970, quase duas dezenas de Folias de Reis. Atualmente, parece haver uns quatro grupos. A tradição tende a desaparecer no município, apesar de declarada como patrimônio imaterial. Para o professor, é fundamental que a Educação tenha essa preocupação com o resgate da história local, lincando-a com a nacional. “Não podemos caminhar para um país sem memória, tanto para o material quanto para o imaterial. E aproveitei o que determina o Currículo Mínimo no que tange a essa questão: reconhecer o patrimônio cultural material e imaterial da região resguardando a memória da comunidade”.

Quanto à Fazenda Colubandê, que também foi sede da Guarda Florestal da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro, há um processo complexo de recuperação do imóvel em debate nas esferas estadual e federal. Já o antigo espaço religioso de Zélio de Moraes, depois de alguns anos, foi transferido para o Rio de Janeiro. Décadas mais tarde a família vendeu o imóvel, e o novo proprietário demoliu a casa que se encontrava bastante deteriorada.

“Então, a partir da proposta de resgatar a memória da comunidade, resolvi ampliar para o país. Expliquei os conceitos de patrimônio (i)material, das culturas locais e regionais e das manifestações culturais rurais e urbanas, contextualizamos, discutimos variados exemplos”. Para estimular a

Para reverter a possibilidade de “sumiço” patrimonial, a atividade visa resgatar a memória da comunidade e divulgá-la pelo território brasileiro



curiosidade dos discentes, o professor Ivan usou vídeos do programa “A Cor da Cultura”, que mostra a rica diversidade étnico-racial brasileira, além de outros *links*, como danças, cantigas, lendas, para que pudessem realizar suas pesquisas e desenvolver suas argumentações. Também foram utilizadas buscas na internet com sugestões de páginas que apresentavam manifestações desse tipo.

O professor Ivan faz duas observações interessantes. A primeira foi quanto à utilização da técnica de contação de lendas através do teatro. A linguagem cênica facilita muito, pois amplia os espaços para questionamento, considerando que os estudantes pouco têm acesso a essa produção cultural. E a segunda, com relação à razão de trabalhar com o conceito de “feira de tradições populares” e não de “feira do folclore”. “Aqui os alunos foram instigados a pesquisar sobre, por exemplo, as origens do ‘cus-cuz’, iguaria que veio do Magrebe, norte da África, muito difundida no Brasil”, afirmou o docente, contente com o empenho de suas turmas.

A metodologia foi desenvolvida em três etapas: na primeira, foram abordadas questões referentes à conceituação de patrimônio material e imaterial, como a relevância da preservação dos bens culturais para o país, a legislação que ampara o Iphan – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional –, o patrimônio e sua conservação nos municípios e estados da federação etc.; na segunda etapa, foram definidos os estados que os grupos iriam pesquisar e cujos dados sistematizados seriam anunciados num seminário na sala de aula; a terceira etapa seria a apresentação externa junto à comunidade



Os alunos foram desafiados a fazerem pesquisas sobre as lendas para apresentá-las através de peças de teatros, filmes, maquetes, teatro, degustações e danças



Patrimônio Cultural Imaterial – relativo às práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas). É transmitido de geração a geração, constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. É apropriado por indivíduos e grupos sociais como importantes elementos de sua identidade.

Patrimônio Cultural Material – conjunto de bens culturais classificados segundo sua natureza, conforme os quatro Livros do Tombo: arqueológico, paisagístico e etnográfico; histórico; belas artes; e das artes aplicadas. Eles podem ser imóveis como as cidades históricas, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais; ou móveis, como coleções arqueológicas, acervos de museus, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos.

Fonte: <http://portal.iphan.gov.br>

escolar. Nesse momento poderiam usar maquetes, degustação, dança, audiovisual, cartazes, dramatização, enfim, a criatividade ficava por conta deles, mas a informação teria que ser totalmente embasada e as fontes, devidamente apontadas. De acordo com o corpo docente, o trabalho, na realidade, investiu em várias possibilidades, como, por exemplo, despertar as consciências sobre a importância da memória local, regional e nacional. Pelo menos é o que depreenderam as alunas Ana Kethelen e Vivian Reishoffer, da turma 906, que percebem um excesso de valorização da cultura que vem do exterior, em contraste com a rica diversidade que encontraram ao seu redor a partir de suas pesquisas. De qualquer forma, como disseram os estudantes: “A mente abriu: o esforço nos levou a ver para além do que está aqui e agora”. Ou seja, lição dada, lição apreendida.

Colégio Estadual Frederico Azevedo (Cefa)
Rua Melo Freire, 50 – Itaúna – São Gonçalo/RJ
CEP: 24474-090
Tel.: (21) 3119-5792
E-mail: cefaconexao@gmail.com
Fotos: Marcelo Ávila



Valorizando a beleza negra

Projeto fotográfico destaca a estética, beleza e identidade afro-brasileira

Jéssica Almeida

“**A**través do projeto pude perceber a minha beleza. Antes dele, eu não queria tirar fotos, me achava feio. Percebi que todos têm uma beleza e já não sofro como antes, pois aprendi a me aceitar e me respeitar”, garante o aluno Rogério Lages, da turma 901, que participou do projeto fotográfico sobre a estética, beleza e identidade negra do Colégio Estadual Professora Regina Célia dos Reis Oliveira, localizado em São João de Meriti, na Baixada Fluminense.

A iniciativa é parte da atividade anual do colégio sobre Consciência Negra, numa iniciativa em que cada disciplina dá a sua contribuição. Idealizado pela professora Tatiana Barradas, o *Projeto fotográfico: Estética, Beleza e a Identidade negra* tem como objetivo tornar a escola um lugar de

discussão e valorização da cultura afrodescendente, tratando a estética como uma ferramenta contra o preconceito e a favor da autoestima. Além disso, a ideia é desenvolver maior socialização entre os alunos visando a troca de informações e respeito na produção do trabalho, além de estimular a racionalização do corpo como um elemento político.

Na primeira edição, a turma trabalhou com a figura do negro através dos olhos de Jean-Baptiste Debret – um importante artista plástico (pintor e desenhista) francês do século XIX – propondo uma releitura da conexão entre África e Brasil. “Para essa segunda edição, decidimos superar a visão do negro associado à escravidão e partimos para a sua afirmação através da sua beleza estética e da formação das suas múltiplas identidades. Analisamos, criticamente também, a figura do afrodescendente nas mídias na atualidade

e fizemos a produção de fotografias que valorizem a cultura negra na comunidade escolar a partir da autoestima dos próprios alunos fotografados”, explica Tatiana.

Esse projeto foi uma iniciativa da disciplina de Geografia – devido à formação de Tatiana nessa matéria, além de Pedagogia e Fotografia –, mas contou com a colaboração dos docentes de Artes, História e do incentivo de vários outros campos do saber. “Toda a escola recebeu o convite para prestigiar o projeto. Como a procura foi grande, pois se trata da segunda edição, foi limitada a participação para dois alunos por turma”, explica Tatiana.

Foram desenvolvidas atividades como discussão sobre a estética negra e sua relação na formação da identidade, pesquisa de referências de beleza negra (nacionais e internacionais) – dos mais variados estilos e épocas – e debates sobre a questão da estética e dos padrões definidos pela grande mídia. “Discutimos sobre cabelos, roupas, valores de produtos. Além disso, foi feita uma análise sobre as escolhas dos figurinos, dos adornos e do tipo de ensaio fotográfico e, por fim, a execução do ensaio fotográfico”, exemplifica a educadora.

Tatiana ressalta que o projeto proporcionou, além de um ambiente de maior proximidade entre os alunos e professores, um maior cuidado com o lado físico, com a estética e com o comportamento dos estudantes. “Eles passam a racionalizar sobre seu corpo e o que ele representa para os demais numa sociedade. O grande resultado acontece na exposição das fotos, onde os alunos não só demonstram maior autoestima, como também inspiram a comunidade escolar”, destaca a educadora.

A aluna Thayane Silva, da turma 2.003, garante que foi muito importante participar desse projeto. “Por causa da valorização da nossa beleza, para que as pessoas se sintam bem do jeito que elas são. Principalmente as meninas negras, pois são as que mais sofrem com o racismo. Hoje em dia estamos em busca do corpo, cabelo e aparência perfeita, e nos esquecemos que isso não existe. O que conta na verdade é a beleza, sendo ela negra ou não”, explica. A estudante Ana Paula, da turma 1.003, completa afirmando que “o negro é lindo e toda a sua beleza – cabelos enrolados, cor de pele e traços – deve ser valorizada”, enaltece.

Tayane Viana, também da turma 1.003, garante que o projeto melhorou a sua autoestima. “Porque mostra que a beleza negra, mesmo que ainda sofra preconceito ou discriminação, precisa ser aceita e não se deve ligar para o que os outros vão dizer”, explica. A professora destaca ainda que é de extrema importância divulgar projetos como este nas escolas. “Pois através deles é possível trabalhar e afirmar a estética afro-brasileira. E a nossa aparência diz muito sobre o que pensamos e acreditamos. Além de tudo, pode ser uma ferramenta importante no combate ao preconceito”, finaliza.

C. E. Professora Regina Célia dos Reis Oliveira
Rua Doutora Maria José, s/nº – Venda Velha
São João de Meriti/RJ
CEP: 25565-440
Tel.: (21) 3755-0168
E-mail: cereginacelia@educacao.rj.br
Fotos produzidas pela turma





Será que sou racista?

Projeto pedagógico promove reflexão sobre o Dia da Consciência Negra

Constantemente, as escolas têm colocado os alunos em contato com os elementos que formam cada grupo étnico brasileiro, para que eles sejam capazes de compreender a complexidade das identidades, se afirmando não apenas pela cor da pele ou tipo de cabelo, mas também por outros elementos. No dia 20 de novembro, data em que se comemora o Dia da Consciência Negra, as instituições propõem diversas atividades envolvendo o tema cultura afrodescendente, porém, muito mais do que isso, é importante questionar noções como o respeito e a tolerância. E esse é o principal objetivo do projeto *IEL diz não ao preconceito. IEL diz sim à consciência negra*, do Instituto de Educação Luciano (IEL).

Em uma linha imaginária de união e respeito na formação como um todo do ser humano desde a sua infância à vida de adulto, único, sensível e feliz, o projeto pode ser visto por alguns como utópico, mas a meta é reflexiva e de postura interdisciplinar/transdisciplinar, quando se propõe e questiona: “Será que eu sou racista?”, “Será que eu sou sensível e solidário às diferenças?”, “Será que eu tenho

atitudes e ações de reconhecimento das minhas origens?”. “Eu sou, eu tenho, eu busco”! Com este pensamento, o IEL implementa este olhar ético, formador e reflexivo.

Na escola, a inclusão no currículo de conteúdos que tratam da história e cultura africana e afro-brasileira é um dos passos para o combate ao racismo, mas essa não pode ser a única ação. Os alunos e o restante da comunidade escolar precisam ser sensibilizados para o tema, de maneira que possam reconhecer o racismo em suas próprias atitudes e mudá-las.

O projeto visa principalmente a formação cidadã, com olhar de comprometimento ao não preconceito, levando o estudante, educadores, familiares e comunidade do entorno a refletirem sobre “discriminação”, focalizando na posição dos descendentes africanos, ou seja, o povo brasileiro em suas relações com os diversos segmentos políticos, históricos (raízes), econômicos, sociais, culturais, religiosos e morais. Como uma sementinha reflexiva, o IEL busca através do projeto desenvolver a importância do respeito pelo outro.

Dentro da metodologia, atividades que fazem alusão a essa temática trouxeram a força da Consciência Negra.



Artesanatos, exposições sobre o Quilombo dos Palmares e grandes personagens negras fizeram parte da culminância do projeto

Os alunos da Educação Infantil participaram demonstrando interesse e criatividade, através de várias atividades, como:

Exposições

Maquetes e Artesanatos sobre Quilombo dos Palmares, Casa-Grande & Senzala, Zumbi dos Palmares, Engenho de Açúcar, Navios Negreiros, Vocabulário – Língua/Literatura, Cartazes (Painéis), Montagem de dicionário, Mapa da rota do tráfico negreiro, Mapa do continente africano, Vestimentas, Doenças que predominam na África e histórias de grandes personalidades negras, como Martin Luther King, Nelson Mandela, Taís Araújo, Pelé e Grande Otelo.

Palestras

“Consciência Negra”, “Anemia Falciforme (Doença na Mulher)”, “O Negro da Baixada Fluminense” e “Lei Áurea – Fim da Escravidão (12/05/1888 – Princesa Isabel)”.

Manifestações culturais

Dramatização através de dança afro-brasileira, com as canções “A carne”, do Grupo Farofa Carioca; “Brasil”, de Cazuza; “Aos olhos do Pai”, de Aline Barros; “Meu Ébano”, de Alcione, além de apresentações com músicas instrumentais com variados ritmos, como *funk*, *rap*, *hip-hop*, dança de tambores, capoeira, maculelê e dança do coco.

Sessões de cinema

Filmes: “Vista a minha pele. (O adolescente e seus preconceitos)”, “Quando o criado dança. (O negro envolvido

com drogas)” e “O grande desafio (Debate contra Heverest nas faculdades dos EUA em 1995)”.

Reconhecer que existem desigualdades raciais e combatê-las é lutar contra o racismo. A lei 10.639, em vigor desde 2003, determina que isso também aconteça dentro das escolas, que passaram a ter de incluir o tema em seus currículos. O diferencial deste projeto pedagógico é a busca por tirar do anonimato a verdadeira história da África e de seu povo, bem como abrir um leque de discussões em torno da diversidade cultural existente em nosso país, a fim de que essa diversidade seja respeitada e valorizada.

Para a coordenadora do projeto, professora Dulcineia Luciano, o principal intuito da aplicação deste projeto é estimular e garantir valores comportamentais, bem como proporcionar acesso a conhecimentos históricos sobre o negro na composição do povo brasileiro, assumindo-o como um aspecto de grande importância para a cultura brasileira.

Colaboração: Richard Günter



Instituto de Educação Luciano
Rua Ana Parisio, 42 – Miguel Couto – Nova
Iguaçu/RJ
CEP: 26210-000
Tels.: (21) 3793-4099 / (21) 3779-5066
E-mail: dulcineialuciano@ig.com.br
Coordenadora: Dulcineia Luciano
Fotos: Marcelo Ávila



“Con-Viver” e “Com-partilhar”

A valorização de diversas culturas e povos

Jéssica Almeida



Diante de atitudes de desrespeito, preconceito e *bullying*, a Escola Municipal José Emygdio de Oliveira, localizada em Osvaldo Cruz, desenvolveu o projeto *Beleza Negra*. O intuito era fazer com que os estudantes valorizassem as diversas tradições e povos. “Inclusive a cultura afrodescendente, com reflexão e responsabilidade dentro de um contexto tanto coletivo quanto individual, levando o educando a enxergar-se nessa sociedade, seja ele negro ou não”, completa a coordenadora pedagógica Vânia Loraine.

Ela ressalta ainda que, através do projeto, a escola tem como objetivo promover uma educação ética, voltada para o respeito e convívio harmônico com a diversidade. Além disso, fazer com que os alunos desenvolvam sua capacidade de dialogar e tomem consciência de suas próprias raízes históricas. “O preconceito e o racismo são formas de violência, por isso a necessidade de criar um trabalho como esse. Além disso, ele contempla

o Projeto Político-Pedagógico (PPP) da unidade escolar, que é “Con-Viver e Com-partilhar”, observando a lei que determina às escolas ensinarem temas relativos à história dos povos africanos em seu currículo”, destaca a coordenadora.

Dividindo as tarefas

Cada turma trabalhou com uma disciplina específica. A 1.801, por exemplo, abordou a Língua Portuguesa, através da produção de textos. Já a 1.802 elaborou um





A culminância contou com um corredor cultural com exposições de cartazes, pinturas, músicas, palestras de convidadas, vídeos produzidos pelos alunos, apresentações de danças

questionário e realizou a pesquisa sobre cor da pele, com a disciplina de Matemática.

Para culminância do projeto, a escola convidou duas blogueiras, que têm realizado um trabalho de disseminar essa mensagem da cultura negra em escolas. Priscila Barbosa, do blog "Coisa de menina indecisa", palestrou para os alunos do 4º ao 9º ano sobre a questão da autoestima (#AutoestimaDiva), a partir de sua experiência de vida.

A turbantista e blogueira Lola Monteiro, do blog "Lola turbantes e acessórios", promoveu um *workshop* de amarração de turbantes.

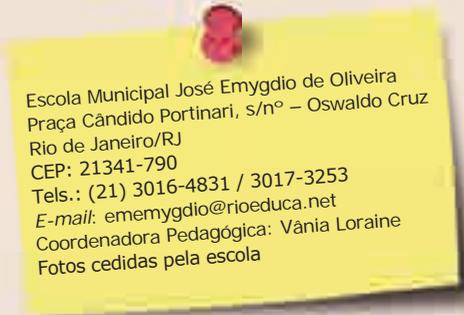
Além disso, a culminância contou com um corredor cultural com exposições de cartazes, levantamento de dados, mapas, pinturas, músicas, palestras de convidadas, vídeos produzidos pelos alunos, apresentações de danças e a dramatização do livro infantil "Menina Bonita do Laço de Fita", no auditório da unidade escolar. "Todo tipo de diversidade foi trabalhado, seja de cor, credo ou posição social, dizendo não ao preconceito. Demos visibilidade ao negro em nossa unidade escolar. O ponto alto da culminância foi o desfile dos estudantes que se consideravam pardos ou negros. Foi um sucesso!", destaca Vânia.

A professora Rosália Falcão, de Língua Portuguesa, garante que a cada evento na escola a equipe docente percebe que os alunos se empenham para fazer melhor e mais caprichado. O aluno Gabriel Luiz, da turma 1.802, conta que gostou de tudo que fez e aprendeu com o projeto. "Foi maravilhoso! Espero que haja mais eventos iguais a esse. Pois, quando a escola faz isso, ela oferece mais oportuni-



des para se descobrir novos talentos entre os jovens. Amei mesmo!", conta. Já a estudante Julia Carvalho, estagiária do projeto *Entre Jovens*, do 9º ano, ressalta que o *Beleza Negra* teve uma aceitação grande entre os alunos, principalmente daqueles que se consideram afrodescendentes. "Valorizar, fazê-los se aceitar e se enxergar bonitos sendo negros. Acredito que foi o início de uma geração empoderada", completa.

Para a equipe pedagógica, levar os estudantes a compreender que cada povo possui sua identidade própria, presente nas crenças, costumes, história e organização social, refletindo sobre a diversidade étnica, foi o grande ganho do projeto.



Escola Municipal José Emygdio de Oliveira
Praça Cândido Portinari, s/nº – Oswaldo Cruz
Rio de Janeiro/RJ
CEP: 21341-790
Tels.: (21) 3016-4831 / 3017-3253
E-mail: ememygdio@rioeduca.net
Coordenadora Pedagógica: Vânia Loraine
Fotos cedidas pela escola



O projeto possibilitou que os pequenos reconhecessem e valorizassem as características e a cultura do negro



Alunos se identificam com as “Tranças de Betina”

Literatura infantil é o ponto de partida para projeto que promove a valorização das características do negro

Marcela Figueiredo

No decorrer do ano letivo de 2015, a Creche Municipal Lindaura Amorim, localizada no município de São João de Meriti, desenvolveu um trabalho pedagógico que, além de estimular o prazer pela leitura, possibilitou que as crianças reconhecessem e valorizassem as características e a cultura do negro.

O projeto intitulado *As Tranças de Betina* utilizou a mensagem contida no livro “Betina”, de Nilma Lino Gomes, para fortalecer a autoestima dos alunos negros e possibilitar a desconstrução do mito racial presente na sociedade. Também deu destaque ao valor e respeito ao idoso, uma vez que a personagem do livro é cuidada pela avó, assim como muitos alunos da Educação Infantil.

Ao longo de meses, diversas atividades foram desenvolvidas com o objetivo de despertar a atenção da comunidade escolar para a riqueza cultural do povo de origem africana. Porém, antes



Cada turma pintou telas de tecido inspiradas no livro, que depois foram costuradas umas nas outras até formarem uma bela cortina

de iniciar o trabalho com os estudantes, a direção da escola identificou a necessidade de capacitar os professores para a abordagem de um tema tão sensível. “Sentimos a necessidade de trabalhar o assunto na escola, pois somos um país mestiço, e a identidade do negro não é valorizada socialmente”, esclarece Luciana Ribeiro, diretora da creche.

Após a construção do plano de curso, a escola recebeu uma especialista para introduzir o tema e dar fundamentação teórica ao projeto. A questão foi privilegiada nos grupos de estudo, e os educadores participaram de uma oficina para aprender a construir as *abayomis* (bonecas africanas feitas totalmente de tecido).

“Algumas pessoas consideram bobagem falar sobre a questão racial na escola. Nós queríamos capacitar o professor para que ele percebesse esta necessidade e enxergasse as características do negro de forma positiva. Não adianta tratar o tema de forma pontual. Muitas escolas só falam do negro nos dias 13 de maio e 20 de novembro, quando é pra falar sobre escravidão e sofrimento. Nosso objetivo é valorizar a cultura afro-brasileira e mostrar o que ela tem de bom”, explica a diretora.

Capacitados, os profissionais começaram a desenvolver o projeto em sala de aula. O primeiro passo foi apresentar a “Betina” para as crianças. Já inspirados com a história da personagem, os alunos assistiram ao teatro de fantoches e participaram de uma roda de conversa, onde puderam manifestar todas as suas impressões sobre a figura negra e de cabelos trançados pela avó.

Após os trabalhos introdutórios e de interpretação da história, cada turma fez um livro de reconto, criou a própria boneca negra e pintou telas de tecido inspiradas no livro –

que posteriormente foram costuradas umas nas outras até formarem uma bela cortina. Assim, os alunos puderam manifestar de diferentes formas o que interpretaram da leitura.

A culminância aconteceu no dia 13 de novembro, quando foram desenvolvidas com as crianças e com os responsáveis oficinas de penteados afro, apresentação de dança africana, confecção de bonecas *abayomis* e turbantes.

Professora da Educação Infantil há seis anos, Jacqueline de Oliveira considera de total importância introduzir esses valores desde as séries iniciais. Para ela, o trabalho de conscientização deve ser empreendido desde os primeiros anos de vida, e a escola tem papel fundamental nesse processo: “As crianças se identificam com as histórias que são contadas para elas, este deve ser o ponto de partida. Ao apresentar este universo para os pequenos, eles passam a se enxergar como negros e se aceitar de um jeito natural e positivo, não de maneira dolorosa e com preconceito racial”, explica a educadora.

Conforme destacado no texto do projeto, ao finalizar o processo de trabalho, os educadores concluíram que “conversar sobre estereótipos e preconceitos, bem como demonstrar costumes e culturas são ações simples que ampliam os horizontes das crianças. Através da apresentação de cenários e materiais lúdicos, os alunos puderam conhecer um pouco da riqueza da cultura do povo negro”.



Creche Municipal Lindaura Amorim
Rua Pastor Joaquim Rosa, 499 – Jardim Meriti
São João de Meriti/RJ
CEP: 25555-681
Tel.: (21) 2650-3087
E-mail: creche.l.amorim@gmail.com
Fotos: Marcelo Ávila



Na Semana Multi disci plinar Abayomi

Sandra Martins

Orgulho, interesse, autonomia, determinação, confiança, certeza de que poderiam contar com quem sempre os incentivara a quebrar seus próprios preconceitos, barreiras e muros internos e externos. Foi com esta convicção que um grupo de estudantes da turma 2.001 do Colégio Estadual Professora Alcina Rodrigues Lima (CEPARL), do bairro de Itaipu, Niterói, homenageou a cultura afro-brasileira apresentando uma coreografia da música "Madagascar Olodum" da Banda Reflexu's, pioneira no estilo Axé, na Semana *Abayomi* – Evento Multidisciplinar no Alcina.

Toda a unidade escolar foi preparada para receber a atividade. As salas foram ambientadas apresentando trabalhos pedagógicos numa rica diversidade de produção intelectual. Foram oportunizadas oficinas de *abayomis* – bonecas de retalhos de tecidos produzidas sem o uso de cola ou de costura –, *origami*, desenho, turbante, percussão, entre outras. A farta produção de cartazes e maquetes evidenciou o afincamento das pesquisas feitas ao longo do semestre.

Com a equipe do Matemática 360º foram disponibilizados jogos de raciocínio e tradicionais, caça ao tesouro, geometria e arte com traçados indígenas, onde o estudante pôde fazer curvas com retas e brincar com o caleidoscópio. Foi possível também explorar um pouco da etnomatemática das sonas africanas, trazidas pelos alunos do 9º



ano da professora de Matemática Elenise Zaccur, um conhecimento histórico, matemático, cultural e artístico de povos do Continente Negro que, como qualquer agrupamento social, desenvolveram maneiras próprias e específicas de contar, medir, fazer cálculos.

Entre as várias apresentações culturais, como dança, música e esquetes teatrais, aconteceu um afrodesfile organizado pela professora de História Rosana Maia. Com roupas coloridas, turbantes e bijus produzidos pelos próprios alunos, meninas e meninos se apresentaram ao som dos percussionistas que tocaram ao longo da atividade.

Ao som dos tambores do Olodum, um grupo de meninas realizou uma coreografia especialmente criada para a ocasião. A plateia delirou e pediu bis. Sucesso total! Uma das incentivadoras desta explosão de emoções, propiciada pela turma 2.001, foi a professora de Língua Portuguesa Thays Bartolazzi. A especialista e mestre em Literaturas e Culturas de Língua Portuguesa explicou que a apresentação foi o resultado dos trabalhos que o colégio vem desenvolvendo ao longo do ano ao aplicar a Lei 10.639/2003, que determina o ensino da história e cultura afro-brasileira e

africana, e é o que ela procura fazer em sala de aula: trabalhos de valorização dessa cultura. Este ano ela escolheu a dança para apresentar para seus alunos. "Mostrei duas das mais conhecidas canções da banda para eles: 'Canto para o Senegal' e 'Madagascar Olodum'. O grupo escolheu a segunda", disse a professora.

Segundo Thays, a apresentação foi contagiante, pois "todos vibravam, foi muito contagiante, bonito, alegre". Para a mestre, o mais gratificante foi ver que os alunos criaram a coreografia, prepararam as roupas, providenciaram a maquiagem e ensaiaram exaustivamente para realizarem uma bela apresentação. "Isso é uma das coisas que mais valorizamos no Colégio Alcina: a autonomia e o protagonismo do estudante", finalizou a professora.

C. E. Professora Alcina Rodrigues Lima (CEPARL)
Estrada Francisco da Cruz Nunes, s/nº
Itaipu – Niterói/RJ
CEP: 24340-000
Tel.: (21) 3701-2423
E-mail: elenisezaccur@gmail.com e
thaysbartolazzi@yahoo.com.br
Professoras: Elenise Zaccur e Thays Bartolazzi
Fotos cedidas pela escola



Os meninos tocaram tambores para que as meninas realizassem uma coreografia especialmente criada para a ocasião



Intolerância: na minha escola, não!



Educadores realizam evento pedagógico que estimula reflexão sobre os diferentes tipos de intolerância presentes na sociedade

Marcela Figueiredo

Os estudantes participaram de uma série de discussões para que refletissem sobre os vários tipos de intolerância e discutissem sobre os impactos das ações discriminatórias



Durante o segundo semestre de 2015, os estudantes do Colégio Estadual Professora Maria de Lourdes de Oliveira Lavôr – Tia Lavôr – puderam participar de uma série de discussões sobre uma característica social que está ganhando cada vez mais espaço na mídia e nas conversas entre familiares e amigos: a falta de habilidade e vontade das pessoas em reconhecer e respeitar as diferenças. A intenção foi fazer com que os alunos refletissem sobre os vários tipos de intolerância e discutissem sobre os impactos das ações discriminatórias.

“Estamos vivendo um período de muita intolerância no Brasil e no Mundo. Consideramos importante discutir esse tema na escola e fazer com que os estudantes entendam o quanto é importante respeitar e tolerar as características e as escolhas de todas as pessoas”, explica Aleksandro da Silva, diretor adjunto do colégio.

O conteúdo foi trabalhado de forma interdisciplinar durante as aulas de Artes, Química, Língua Portuguesa, História e Geografia. A culminância aconteceu na semana em que se comemora o Dia da Consciência Negra, quando os discentes puderam recitar poesias, cantar, dançar, apresentar peças teatrais, expor cartazes e participar de palestras relacionadas à temática.

Dentre os temas escolhidos pelos alunos para serem desenvolvidos estavam os mais variados tipos de preconceito, entre eles o racial, o social e o religioso. Também abordaram assuntos como diversidade sexual e as dificuldades enfrentadas pelas pessoas com deficiência. Nas apresentações, além de contextualizar as diferentes práticas, os educandos manifestaram o posicionamento individual.

“Vivemos em um mundo com intolerância de todos os tipos. Escolhi fazer e recitar uma poesia sobre homossexualidade porque eu não gostaria de ser apontada na rua e ser discriminada por causa da minha orientação sexual. O projeto foi importante para fazer com que nós entendêssemos que devemos respeitar o outro do jeito que ele é”, declara Milena Garcia, estudante do primeiro ano.

Impactados pelos ataques terroristas da “sexta-feira 13”, em Paris, os alunos do segundo ano do Ensino Médio decidiram montar um espetáculo que possibilitasse uma reflexão sobre intolerância religiosa. Em menos de 24 horas eles se reuniram, fizeram o roteiro e montaram uma peça em que praticantes de diferentes religiões percebem a importância do respeito a todas as crenças para um mundo melhor.

“Precisamos estimular isso em nossa sociedade e possibilitar que todas as pessoas entendam que não devemos fazer com o outro o que não desejamos que façam conosco. As religiões estão sendo discriminadas, e nós ficamos tocados, por isso decidimos falar sobre a necessidade do respeito ao próximo”, explica Venilson Alves, estudante do segundo ano.

O colégio também recebeu os alunos da Escola Municipal Rotary para uma apresentação coreográfica sobre os 450 anos do Rio.

Colégio Estadual Professora Maria de Lourdes de Oliveira Lavôr – Tia Lavôr
Rua Sargento João Lopes, 315 – Ilha do Governador – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 20720-013
Tel.: (21) 2334-6461
E-mail: ceprof.lavor@gmail.com
Diretor Adjunto: Aleksandro da Silva
Fotos: Marcelo Ávila



Jéssica Almeida

Desenvolver uma ação educativa de combate ao racismo e à discriminação, visando a integração dos alunos e valorizando a experiência de vida deles e das suas aprendizagens vinculadas às relações com pessoas brancas, negras e mestiças no conjunto da sociedade. Com esse objetivo, o Ciep Brizolão 374 Augusto Rodrigues desenvolveu um projeto com o tema *O negro de várias cores: da miscigenação à cultura afro-brasileira*.

A iniciativa foi formulada pela equipe pedagógica da escola em concordância com os professores de todas as disciplinas. “Acreditamos que a educação constitui-se em um dos principais ativos e mecanismos de transformação de um povo, e é papel da escola, de forma democrática e comprometida com a promoção do ser humano na sua integridade, estimular a formação de valores, hábitos e comportamentos que respeitem as diferenças e características próprias de grupos e minorias”, justificam os educadores.

A equipe pedagógica ressalta que o projeto é sempre bem aceito pelos alunos da escola, pela oportunidade que estes têm de pôr em prática demonstrações de talento e capacidade. Foram realizados debates sobre racismo, pesquisas, trabalho de campo, confecção de cartazes, filmes, ilustrações, dados estatísticos sobre o negro no Brasil e a lei que determina a reserva de cotas para negros nas universidades.

A culminância do projeto foi realizada na quadra esportiva da escola, onde houve diversas exposições em estandes e apresentações dos alunos de dança, peça teatral (“Menina Bonita do Laço de Fita”, de Ana Maria Machado), dramatização (“Navio Negreiro”), músicas, poesias, frases, desfile das personalidades negras do Brasil e do mundo – cada aluno representava uma figura, e durante o desfile era narrada a biografia de cada uma delas –, além da capoeira.

Em cada estande foi realizada uma atividade diferente. No primeiro espaço, por exemplo, foram divulgadas informações sobre o projeto, através de fotos e cartazes dos trabalhos desenvolvidos durante o ano letivo de 2015. No segundo, os alunos criaram uma atividade chamada de “foto maluca”, com apetrechos afro. Já no terceiro, havia objetos feitos com material reciclado – pufes de garrafas *pet*, mesinhas de centro e enfeites em geral – e refeições preparadas a partir do reaproveitamento de alimentos – bolo de banana feito com a casca da fruta, e outros pratos que aproveitavam cascas de vários vegetais –, além de comidas típicas

da África. No quarto estande, foi exibido o Programa Transforma, apresentado pela aluna e medalhista de caratê Joice Lemos Conceição. No quinto, foram realizados jogos com desafios matemáticos. No sexto espaço, aconteceu uma ação social, com cortes de cabelo masculino sendo oferecidos por três alunos que são barbeiros da comunidade. No sétimo e último estande, instrumentos africanos e suas histórias foram a grande atração.

A professora Maria Lima, de Educação Física, afirma que não imaginava que a escola tinha projetos tão maravilhosos, voltados para as questões sociais. “Foi muito bem organizado. Adorei fazer parte e parabéns a todos os envolvidos”, destaca. A coordenadora pedagógica Ana Lídia da Silva Martins ressalta que ficou muito feliz que a imagem da escola perante a comunidade esteja positiva. “Não é fácil organizar um evento envolvendo todos os estudantes, professores e funcionários, mas o resultado é gratificante! Descobrimos vários talentos culturais e esportistas entre nossos alunos. Estou muito orgulhosa da nossa escola!”, finaliza Ana Lídia.

Ciep Brizolão 374 Augusto Rodrigues
Rua Joaquim Victório, s/nº Nova Piam – Belford
Roxo/RJ
CEP: 26160-221
Tels.: (21) 2660-0870 / 2761-4240
E-mail: ciepbizolao374@ibest.com
Orientadora Educacional: Hilda Santos
Fotos: Marcelo Ávila



Na culminância do projeto, houve diversas exposições em estandes e apresentações dos alunos de dança, peça teatral, músicas, poesias, frases, além da capoeira

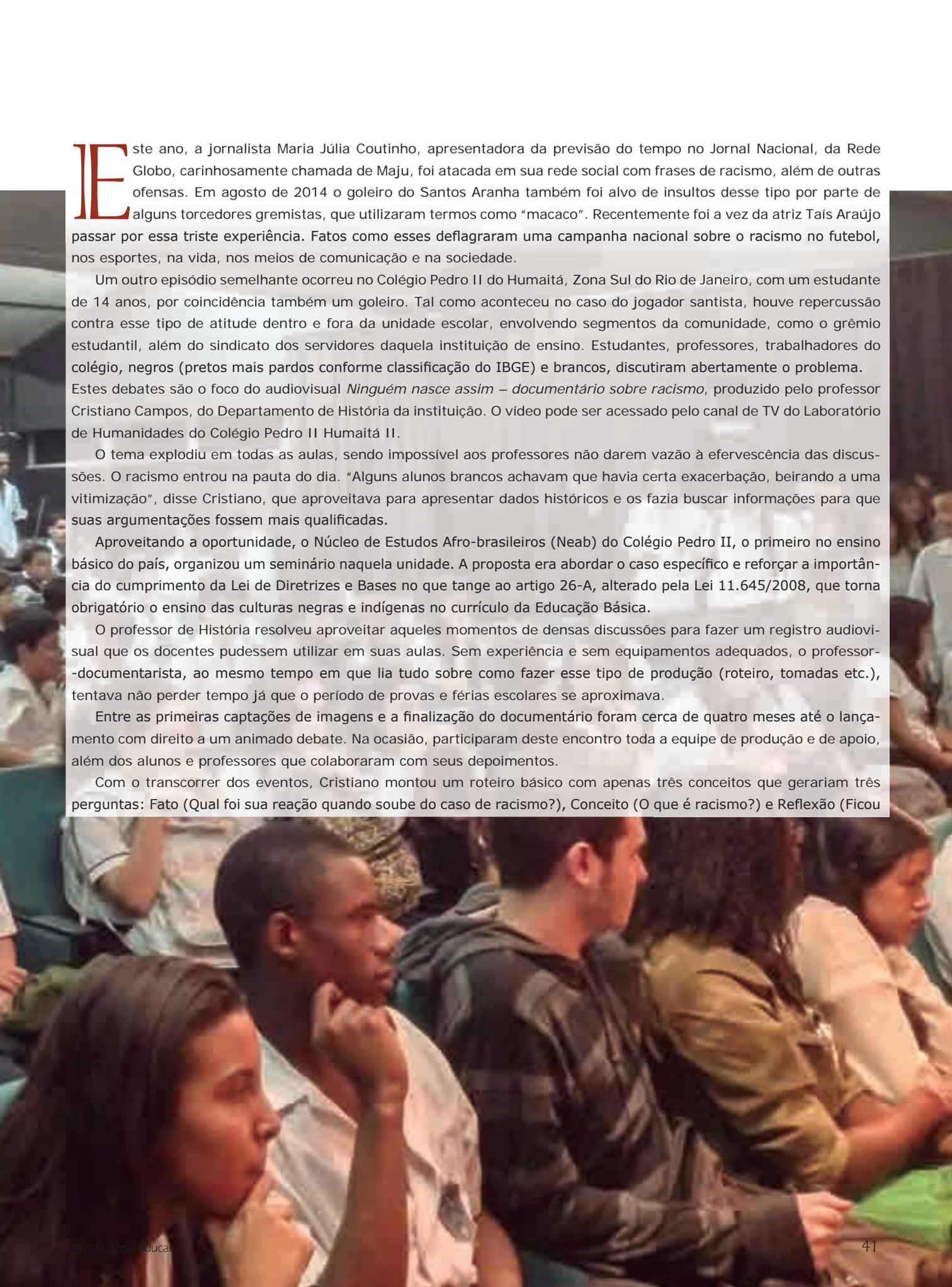




Racismo no CPIL: fora! Ninguém nasce assim

Sandra Martins

Os alunos participaram de um seminário cuja proposta era reforçar a importância do cumprimento da Lei que torna obrigatório o ensino das culturas negras e indígenas no currículo da Educação Básica



Este ano, a jornalista Maria Júlia Coutinho, apresentadora da previsão do tempo no Jornal Nacional, da Rede Globo, carinhosamente chamada de Maju, foi atacada em sua rede social com frases de racismo, além de outras ofensas. Em agosto de 2014 o goleiro do Santos Aranha também foi alvo de insultos desse tipo por parte de alguns torcedores gremistas, que utilizaram termos como “macaco”. Recentemente foi a vez da atriz Taís Araújo passar por essa triste experiência. Fatos como esses deflagraram uma campanha nacional sobre o racismo no futebol, nos esportes, na vida, nos meios de comunicação e na sociedade.

Um outro episódio semelhante ocorreu no Colégio Pedro II do Humaitá, Zona Sul do Rio de Janeiro, com um estudante de 14 anos, por coincidência também um goleiro. Tal como aconteceu no caso do jogador santista, houve repercussão contra esse tipo de atitude dentro e fora da unidade escolar, envolvendo segmentos da comunidade, como o grêmio estudantil, além do sindicato dos servidores daquela instituição de ensino. Estudantes, professores, trabalhadores do colégio, negros (pretos mais pardos conforme classificação do IBGE) e brancos, discutiram abertamente o problema. Estes debates são o foco do audiovisual *Ninguém nasce assim – documentário sobre racismo*, produzido pelo professor Cristiano Campos, do Departamento de História da instituição. O vídeo pode ser acessado pelo canal de TV do Laboratório de Humanidades do Colégio Pedro II Humaitá II.

O tema explodiu em todas as aulas, sendo impossível aos professores não darem vazão à efervescência das discussões. O racismo entrou na pauta do dia. “Alguns alunos brancos achavam que havia certa exacerbação, beirando a uma vitimização”, disse Cristiano, que aproveitava para apresentar dados históricos e os fazia buscar informações para que suas argumentações fossem mais qualificadas.

Aproveitando a oportunidade, o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros (Neab) do Colégio Pedro II, o primeiro no ensino básico do país, organizou um seminário naquela unidade. A proposta era abordar o caso específico e reforçar a importância do cumprimento da Lei de Diretrizes e Bases no que tange ao artigo 26-A, alterado pela Lei 11.645/2008, que torna obrigatório o ensino das culturas negras e indígenas no currículo da Educação Básica.

O professor de História resolveu aproveitar aqueles momentos de densas discussões para fazer um registro audiovisual que os docentes pudessem utilizar em suas aulas. Sem experiência e sem equipamentos adequados, o professor-documentarista, ao mesmo tempo em que lia tudo sobre como fazer esse tipo de produção (roteiro, tomadas etc.), tentava não perder tempo já que o período de provas e férias escolares se aproximava.

Entre as primeiras captações de imagens e a finalização do documentário foram cerca de quatro meses até o lançamento com direito a um animado debate. Na ocasião, participaram deste encontro toda a equipe de produção e de apoio, além dos alunos e professores que colaboraram com seus depoimentos.

Com o transcorrer dos eventos, Cristiano montou um roteiro básico com apenas três conceitos que gerariam três perguntas: Fato (Qual foi sua reação quando soube do caso de racismo?), Conceito (O que é racismo?) e Reflexão (Ficou



A partir do conteúdo aprendido e debatido no seminário, os estudantes fizeram cartazes que ficaram em exposição na escola

surpreso de ter acontecido aqui no colégio?). Então captava as imagens relacionadas ao caso e rastreava informações relacionadas, nas mídias produzidas pelos alunos, como ocorreu com o artigo de Marina Souza, do 3º do Ensino Médio, integrante da “Frente de Negrxs” do Grêmio Estudantil. O texto falava sobre a mulher negra e foi publicado em um jornal editado por uma professora de Português.

Em novembro, mês da Consciência Negra, o Sindiscop – Sindicato dos Servidores do Colégio Pedro II – organizou um ato público na frente da escola em que alguns profissionais se posicionaram. “Gravei tudo. Até então não sabia o que faria com aquelas imagens e mensagens”, disse o professor Cristiano, ao mostrar a “supercâmera de filmagem”: seu celular.

O documentário, protagonizado por estudantes e professores, como Alessandra e Artur, ambos do Neab, levanta reflexões que possam questionar o problema, tais como “O racismo é algo que nasce com o ser humano ou é uma construção histórico-social?”; “O racismo se restringe à utilização de determinadas palavras para ofender o outro ou se refere a um sistema de exclusão, da maior parte da população negra, dos espaços sociais, intelectuais, culturais, econômicos e físicos mais importantes do país?”; ou “Se o racismo está relacionado ao conhecimento, até que ponto todos somos iguais?”.

Entre as depoentes no vídeo, estão as estudantes Marina Souza, Laura Jatahy e Júlia Mafra, que também integram a Frente de Negrxs que, juntamente com as subcomissões “Mulher” e “Amor Livre”, compõem a Comissão Antiopressão do Grêmio Estudantil. Politizadas, as jovens revelavam sua indignação com a postura condescendente das pessoas frente ao racismo cotidiano. Quando o colega foi insultado e humilhado acionaram o grêmio.

Houve, segundo elas, a sugestão de que o campeonato fosse suspenso: “Por outras coisas muito menos sérias, o

campeonato já havia sido cancelado”, disseram, ao verem esta proposta negada, o que, para elas, demonstra que a questão não é encarada com a seriedade que deveria ter, já que se trata de algo que pode trazer prejuízos psicológicos e físicos para a vítima. No entanto, o grêmio fez uma carta de repúdio lida nos atos públicos e divulgada nas redes sociais.

Como todos os jovens, as meninas deste coletivo, que tende a crescer e fortalecer suas convicções e discursos, trabalham muito com as redes sociais, especialmente o Facebook, no qual mantêm um grupo com mais de 30 membros. E, certamente, a presença da Revista Educar cobrindo o evento já estava sendo divulgada em tempo real.

Uma das estratégias utilizadas pelo grupo, segundo Marina e Laura, são as rodas de conversas, que ocorrem em quaisquer lugares. “Nós dialogamos, contamos o que cada uma de nós passa, sente. E vemos que muitas coisas são situações de racismo e só percebemos na fala do outro. Por isso é bacana a gente conversar, dividir, trocar ideias, porque aprendemos a lidar com estas questões. E, em breve, estaremos também lendo textos sobre o assunto. Temos indicações legais de alguns professores que trabalham com esse tema no colégio, pena que são poucos, como os de História, Sociologia, Geografia, Filosofia, Português,” concluiu Marina Souza.



Colégio Pedro II – Unidade Humaitá
 Rua Humaitá, 80 – Humaitá – Rio de Janeiro/RJ
 CEP: 22261-001
 Tel.: (21) 2536-2800
 E-mail: cristianocandamio@gmail.com
 Coordenador: Professor Cristiano Campos
 Fotos cedidas pelo professor



Pela paz entre as cores

Jéssica Almeida

Através da contação de histórias, a professora de Educação Infantil estimulou nos pequenos o reconhecimento e a valorização da identidade nacional



Promover uma educação ética, voltada para o respeito e convívio harmônico com a diversidade. Esse foi um dos principais objetivos da homenagem ao Dia da Consciência Negra do EDI Cidade de Lídice, localizado na Taquara, cujo eixo centralizou-se no projeto *Pela paz entre as cores*, que se justificou pela necessidade de garantir o contato das crianças com as obras literárias infantis, na intenção de desenvolver o conhecimento, reconhecimento e a valorização da identidade nacional. Foram abordadas disciplinas como Matemática, Ciências Sociais e Naturais, bem como Linguagens Artísticas, como a Música e as Artes visuais, entre outras.

Durante o desenvolvimento do projeto, as crianças ouviram as histórias “A cor da vida”, “A Menina e o Tambor”, o “Livro da Paz” e “Erê”. Após a contação das histórias a professora mostrou no mapa onde se situava o continente africano, na intenção de estimular uma percepção do mundo. As crianças participaram também da construção dos personagens étnicos identificando suas características e, posteriormente com as digitais das mãozinhas, construíram um mural que personalizou o “Mundo Colorido”.

Após os alunos ouvirem a história “O Livro da Paz”, a idealizadora do projeto e professora de Educação Infantil Jaqueline Medeiros questionou as crianças sobre “O que é ter paz?”, pedindo para que elas expressassem através de desenhos com tinta guache. A equipe docente realizou também a foto maluca com os personagens criados pelos próprios pequenos, uma brincadeira com a qual todos se identificaram. A culminância do projeto contou com exposições dos trabalhos das crianças e com o registro de suas experiências. Para Jaqueline a cultura da paz é um dos desafios para uma educação libertadora. “Pois requer, além de sentimentos, uma disposição para a ação transformadora”, finaliza.

EDI Cidade de Lídice
Estrada do Tindiba, 590 – Rua G – Taquara – Rio
de Janeiro/RJ
CEP: 22740-360
Tel.: (21) 3327-5130
E-mail: emlidice@rioeduca.net
Direção: Marcelina Fátima Sedano Saraiva
Fotos cedidas pela escola



Um mergulho inclusivo

A inclusão pode até não ser uma das modalidades da natação, mas tem feito a diferença dentro e fora d'água

Sandra Martins

Maísa do Bem Oliveira, 22 anos; Douglas de Oliveira e Ângelo Bastos, 14 anos; e João David Lacerda, 15 anos. Eles foram as estrelas na apresentação da natação competitiva para deficiente intelectual na sétima edição do Festival Esportivo Transforma, realizado no mês de outubro, no Estádio Caio Martins, em Niterói. O evento, que contou com a presença de Vinícius e Tom, mascotes Olímpicos e Paralímpicos, é uma realização do Comitê Rio 2016 com apoio da Superintendência de Desportos do Estado do Rio de Janeiro (Suderj) e da Secretaria de Esporte, Lazer e Juventude.

A proposta do festival, voltado para jovens dos ensinos Fundamental e Médio, foi promover a experimentação e a inclusão social dentro do esporte, mostrando a todos o espírito olímpico com demonstrações da sua filosofia, valores morais e história. O público pôde vivenciar moda-

lidades esportivas paralímpicas, como o voleibol sentado, o *goalball* (futebol para deficientes visuais que, sentados, arremessam com as mãos uma bola com guizos para a meta adversária), a esgrima, o windsurfe e a natação.

No Estádio Caio Martins, o aprendizado para prática de natação competitiva para deficiente intelectual está sob a coordenação de Maria Idalina Machado, treinadora e integrante do Naves/RJ – Esporte Paralímpico, Núcleo Avançado de Esporte, Cultura e Lazer. Como deficiente intelectual (DI) estão pessoas com síndrome de *Down*, autistas e que apresentam déficit cognitivo. "Essas edições do 'Festival Transforma' são muito importantes para que as pessoas conheçam um pouco mais sobre as Olimpíadas e Paralimpia-

das. E, para nós de Niterói, para o Caio Martins, mais ainda, pois é um complexo esportivo que atende a cerca de cinco mil pessoas de vários municípios, em diversas modalidades esportivas, como é o caso da natação para pessoas com DI", afirmou Maria Idalina, também professora de Educação Física da rede pública de ensino.

Os treinamentos não param. Em novembro, atletas fluminenses participaram de duas importantes disputas em dois patamares diferenciados: um de *performance* e outro de base. O primeiro, na Itália, competição com marca mínima, para os atletas que tiverem tempo abaixo desta limitação; já o segundo é a 7ª Paralimpíada Escolar, organizada pelo Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), em Natal (RN). Para o



torneio na Europa, Idalina levou Pedro Fernandes Domingues e Sergio Roberto da Costa, atletas da Naves/RJ. Já para competir na capital potiguar, no atletismo, João Davi Lacerda e Oseas Martins foram os representantes, enquanto Kaio Mendonça e Douglas de Oliveira participaram do tênis de mesa. Todos os quatro são alunos do Colégio Estadual Hilário Ribeiro. Na modalidade natação, Giovanna Bie de Resende e João Victor Vieira Amador, atletas da Naves/RJ, deram seu recado.

“O esporte paralímpico é uma lição de vida. Pena que nem todos tenham acesso e oportunidades”, afirmou a professora, que começou a se interessar pelo tema quando há mais de duas décadas dava aulas na piscina da Associação Médica Fluminense e teve oportunidade de presenciar um campeonato de natação para amputados. Ficou impressionada com o desempenho dos atletas e interessou-se em organizar formações na área de educação física para pessoas com deficiências. Buscou então cursos na Associação Niteroiense dos Deficientes Físicos (Andef) e posteriormente especializou-se em DI. Levou para o Estádio Caio Martins – que até então atendia apenas a natação para lazer – esta

modalidade com foco em competição de rendimento. “Hoje ensinamos a nadar dentro das regras, com viradas, saídas etc. E temos atletas medalhistas que competem fora do estado e do país”, afirmou orgulhosamente a treinadora.

Uma dessas expressões é o jovem Pedro Fernandes Domingues, de 22 anos, segundo melhor do mundo nos 200 metros livre e costas na natação para portadores de síndrome de *Down*, no campeonato de 2012, na Itália. Ele também participou de certames na República Tcheca e no México. Integra a equipe de natação com DI do Naves/RJ, que está treinando do Complexo Esportivo Caio Martins.

Máisa do Bem, outra menina de ouro, acumula várias medalhas, como a de campeã brasileira nos 50 e 100m borboleta no Campeonato Brasileiro realizado em São Paulo, no ano de 2014; prata nos 400m livre no campeonato de natação da Sociedade síndrome de *Down* apoiada por Furnas; 3º lugar nos 100m costas na etapa regional Rio-Sul do Circuito Loterias Caixa 2011/Comitê Paralímpico Brasileiro de Natação, Atletismo e Halterofilismo, em Curitiba, entre outros campeonatos. Ela está cotada para participar do campeonato brasileiro ainda esse ano.

O trabalho é muito mais do que o treinamento do atleta na água, ensinar-lhe as técnicas, condicionar-lhe o corpo e o aparelho respiratório. Inclui também, como afirma Idalina, a preocupação com o jovem, com a menina, com a pessoa humana que está desabrochando e que tem suas limitações e ambiguidades. Durante a entrevista, esta preocupação ficava evidenciada com os olhares atentos buscando saber para onde Máisa se dirigia enquanto esperava o pai que ia pegá-la após o treino, ou mesmo os vários telefonemas que recebia de um pai ou uma mãe a quem ela sempre tecia algum comentário sobre o desempenho e atitudes do filho-atleta durante o treino. “É sempre assim, eu tenho que ficar atenta, e gosto. Mas eles se desenvolvem muito. Veja o João Vitor, dedicado, atencioso com os novos colegas. Ele orienta onde fica o bebedouro ou o banheiro. Ele é assim, prestativo. Nas viagens, os meninos aprendem a ser organizados, tomam conta dos remédios, por exemplo. Claro, com a minha supervisão”, enfatizou a treinadora.

Para Eliana Vieira, mãe de João Vitor, 17 anos, com DI, a natação competitiva foi uma excelente opção para o jovem. “Ele nada desde bebê, mas como esporte de lazer. Tinha as competições inclusivas, mas não com a perspectiva de vir a



Voltada para jovens dos ensinos Fundamental e Médio, a proposta do festival foi promover a inclusão social dentro do esporte

se tornar um atleta como é proposto no trabalho de Maria Idalina, a quem já conhecia de longa data". Por algum tempo, Eliana pensou em colocar o filho nesta modalidade, mas procurou orientação médica. Houve controvérsia entre os especialistas, pois o menino apresentava uma cardiopatia. Outros exames foram feitos, outros especialistas ouvidos. Com a liberação do clínico e do neurologista, pronto, o menino foi matriculado na turma de Idalina no Caio Martins e em novembro participa do Campeonato em Natal. "Ele adora nadar, ama os treinos. Inclusive, por conta das atividades dele, sua escola – Grupo Atrio de Ensino – passou a participar dos Jogos Escolares do Município".

Agora, como diz Maria Idalina, o momento é de muito treinamento para os campeonatos paralímpicos, pois "limite é um lugar que não existe!"

Estádio Caio Martins
Rua Presidente Backer, s/nº – sala 67
Icaraí – Niterói/RJ
CEP: 24220-045
Tel.: (21) 99797-4292
E-mail: idalinamachado@uol.com.br
Naves/RJ – Esporte Paralímpico – Núcleo
Avançado de Esporte, Cultura e Lazer
Treinadora: Maria Idalina Machado
Fotos: Marcelo Ávila

Caio Martins

Nome do complexo esportivo que homenageia o escoteiro Caio Vianna Martins, que ficou conhecido quando, ao sofrer um grave acidente ferroviário, em Minas Gerais, aos 15 anos, recusou ajuda médica para que outras vítimas fossem socorridas. "Há muitos feridos aí. Deixe-me que irei só. Um escoteiro caminha com as próprias pernas", disse. Ele andou até Barbacena, aonde veio a falecer, horas depois, de hemorragia interna.

Natação Paralímpica

Atletas com diversos tipos de deficiência (física e visual) competem em provas de 50 aos 400 metros no estilo livre e dos 50 aos 100 metros nos estilos peito, costas e borboleta.

O *medley* é disputado em provas de 150 e 200 metros.

As provas são divididas em duas categorias: masculino e feminino.

No Comitê Paralímpico Internacional, o órgão responsável pela natação e suas regras é o IPC Swimming.

As adaptações são feitas nas largadas, viradas e chegadas.

As baterias são separadas de acordo com o grau e o tipo de deficiência.



LIXO extraordinário

Marcela Figueiredo

Escola da Baixada Fluminense “abraça os sonhos” de Vik Muniz e realiza projeto inspirado na obra do artista



Conhecido por utilizar materiais inusitados na construção de suas obras de arte, o artista plástico brasileiro Vik Muniz foi a principal inspiração para o trabalho de Educação Artística e Ambiental desenvolvido na Escola Municipal Casimiro de Abreu, em São João de Meriti. Tudo começou quando a Secretaria Municipal de Educação sugeriu que as unidades de ensino utilizassem a produção do artista como referência para as atividades pedagógicas de 2015. A partir dessa orientação, foi organizado o projeto *Abraçando os Sonhos de Vik Muniz*.

Foram dois meses de dedicação envolvendo pesquisas sobre a vida e a obra do artista, exibição do premiado documentário “Lixo Extraordinário” e a produção de peças inspiradas na obra de Vik Muniz. Para a culminância, os educadores organizaram um *vernissage* com os trabalhos dos alunos e convidaram os responsáveis para prestigiar o evento. “No projeto, utilizamos suas obras para valorizar a reciclagem e o trabalho dos catadores desse tipo de material. Nossa intenção foi possibilitar o acesso à arte e também estimular uma maior consciência ambiental na comunidade escolar”, esclarece a orientadora educacional Maria José Vieira.

Além de possibilitar um primeiro contato com as obras do artista, os estudantes passaram a ter um novo olhar sobre o lixo, pois foram estimulados a criar peças com elementos que até então seriam descartados no meio ambiente. Entre os materiais utilizados pelos estudantes estavam caixas de sapato e tampas de garrafas *pet*.

Outros objetivos alcançados com o projeto foram a possibilidade de propiciar aos alunos o entendimento sobre o que é um espaço de exposição de artes, saberem o conceito de *vernissage* e terem conhecimento sobre qual a postura que se espera dos frequentadores desse tipo de espaço. “A maioria dos nossos alunos não tem acesso às galerias de arte e não dispõe da oportunidade de frequentar museus, por isso tivemos a ideia de realizar um evento com obras produzidas pelos próprios alunos e inspiradas no trabalho do Vik Muniz”, explica Erlei da Silveira Aguiar, orientadora pedagógica.

O resultado foi tão positivo que as educadoras desenvolveram mais planos para o projeto. Está sendo negociado um espaço para exposição das obras dos estudantes em um Centro Cultural de São João de Meriti, cidade onde a escola está localizada. “Precisamos estimular a capacidade dos nossos alunos. A realidade deles é dura e esse tipo de trabalho deve ser valorizado por toda a sociedade. Se tivéssemos maiores possibilidades e valorização os resultados seriam ainda mais grandiosos”, destaca Erlei.

E. M. Casimiro de Abreu
Av. Miguel Couto, 619 – Jardim Sumaré – São
João de Meriti/RJ
CEP: 25575-580
Tel.: (21) 2650-3101
E-mail: e.m.casimiro@gmail.com
Orientadora educacional: Maria José Vieira
Rodrigues
Fotos: Marcelo Ávila



Xô, Dengue!

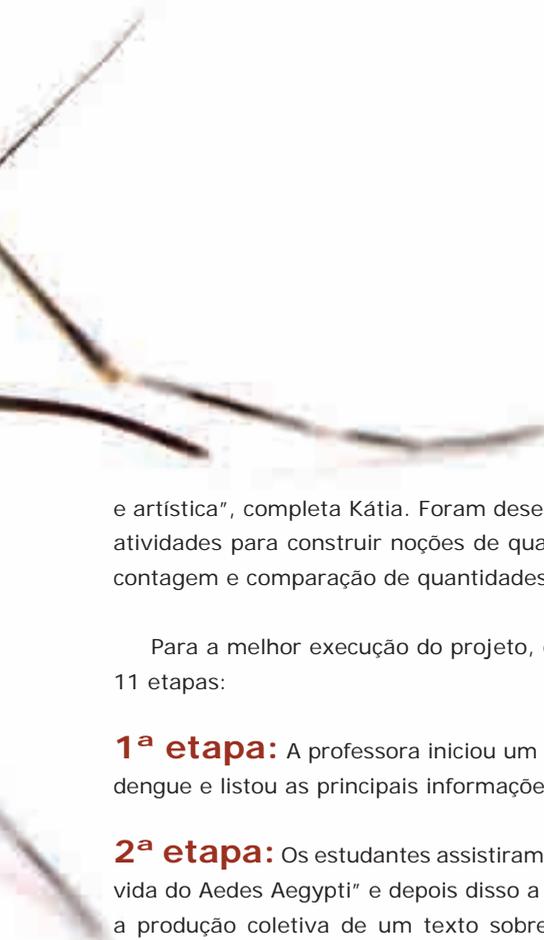
Projeto tem como objetivo conscientizar os alunos a respeito do combate à doença

Jéssica Almeida

Transmitida pelo mosquito *Aedes aegypti*, a dengue é uma doença viral que se espalha rapidamente no mundo. A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que entre 50 e 100 milhões de pessoas se infectem anualmente em mais de 100 países. Sabendo disso, a Escola Municipal Vale do Tinguá, em Nova Iguaçu, criou o projeto *Xô dengue, cai fora*. O intuito é conscientizar os alunos a respeito das medidas de prevenção e combate ao problema e da necessidade de colocá-las em prática, visando afastar o risco de epidemia.

De acordo com a professora e idealizadora da atividade, Kátia Nascimento, no início do ano letivo de 2015 a escola elaborou o projeto pedagógico *Água: luz na vida* e, entre os vários conteúdos pertinentes à temática, o da dengue mostrou-se de grande relevância. "Pois todo ano um número grande de pessoas é contaminado pelo vírus em todo o Brasil. Sendo assim surgiu a necessidade de criar um projeto voltado exclusivamente para essa questão", explica. O trabalho, que teve a duração de aproximadamente três meses, foi desenvolvido com a turma do 1º ano do Ensino Fundamental e abordou disciplinas como Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, Educação Física e Artes.

Além de conscientizar os alunos a respeito das medidas de prevenção e combate da dengue, o projeto tinha como objetivo identificar os principais sintomas da doença, conhecer as diversas formas de contágio, prevenção e tratamento. "Tomando como gancho essa temática, aproveitamos para avançar no conhecimento sobre o funcionamento do sistema de escrita, da aquisição da leitura e da escrita convencional. Sem esquecer de desenvolver a criatividade, o raciocínio lógico, a expressão oral, corporal



e artística”, completa Kátia. Foram desenvolvidas também atividades para construir noções de quantidade, numeral, contagem e comparação de quantidades.

Para a melhor execução do projeto, ele foi dividido em 11 etapas:

1ª etapa: A professora iniciou um bate-papo sobre a dengue e listou as principais informações.

2ª etapa: Os estudantes assistiram o vídeo “O ciclo de vida do Aedes Aegypti” e depois disso a professora propôs a produção coletiva de um texto sobre os cuidados que devemos ter com o ambiente para evitar que o mosquito da dengue se prolifere.

3ª etapa: A educadora solicitou que os pequenos levassem livros, fotos e reportagens sobre a temática. Após isso, organizou os grupos e propôs que cada um fizesse um cartaz com os procedimentos corretos e errados para o combate à dengue.

4ª etapa: Os educandos participaram de uma aula passeio pela escola para observarem se existe algum recipiente com situação de risco que pudesse favorecer a reprodução do mosquito. Caso encontrassem, fariam o recolhimento e levariam ao conhecimento da direção da escola para que fossem tomadas providências. Além disso, eles produziram um cartaz com medidas preventivas para o controle do mosquito transmissor da dengue.

5ª etapa: Foi realizada uma aula recordando os possíveis objetos que são criadouros do mosquito. Após isso, a turma foi dividida em grupos e eles confeccionaram uma maquete, onde cada um explicou o que aprendeu. “Sugeri também que levassem esse material para casa e compartilhassem com seus familiares os conhecimentos adquiridos”, lembra a educadora.

6ª etapa: A partir da leitura do livro “Se o lixo falasse...” foi introduzido o tema lixo e reciclagem. Foram levantadas questões relacionadas com a responsabilidade que cada um, como cidadão, tem com a sociedade. Kátia mostrou também a

A professora propôs a confecção do jogo da trilha da dengue. Com isso, os alunos conheceram os procedimentos corretos para evitar a proliferação do mosquito





A educadora propôs que cada grupo de alunos fizesse um cartaz relacionando os meios mais eficazes para o combate à dengue

possibilidade de reutilização de materiais que aparentemente seriam descartados e poderiam causar a poluição do solo, do ar e dos rios. Além disso, ela propôs a elaboração de uma lista com atitudes que podem salvar o planeta.

7ª etapa: Os alunos coletaram alguns materiais que estavam jogados no chão e depois a professora conversou com eles sobre a atitude do ser humano em abandonar sacolas plásticas, restos de alimentos, garrafas, copos, papel e outras coisas em ambiente inadequado. Mostrou também a tabela de decomposição de alguns materiais, que foi colada no caderno para os alunos levarem para casa e assim divulgarem para familiares e amigos o que aprenderam sobre a importância de não lançar dejetos na natureza. "Sugeri também que fizessem uma lista com produtos que atiramos lixo e que poderíamos transformar em brinquedos. Solicitei que trouxessem uma garrafa *pet* com tampa para confeccionarmos um bilboquê", relata.

8ª etapa: Para confeccionar o bilboquê, as garrafas foram cortadas e distribuídas para cada aluno. Eles as pintaram e, após a secagem, amarraram o barbante. Depois de pronto, os alunos participaram de diversas atividades com o brinquedo.

9ª etapa: Os alunos cantaram a música "Cai fora mosquito" e depois participaram de alguns questionamentos a partir do que compreenderam. Depois disso, eles ilustraram a canção e circularam algumas palavras na música como: pneus, latas e garrafas. Em seguida, realizaram a contagem de letras e identificaram a inicial e a final. Após esse momento a professora entregou o alfabeto móvel para cada grupo de alunos e solicitou que escrevessem essas palavras e registrassem no caderno.

10ª etapa: A professora propôs a confecção do jogo da trilha da dengue com sucata e dividiu a turma em duplas. Em seguida iniciaram o jogo. Os alunos conheceram os

procedimentos corretos e errados para evitar a proliferação do mosquito transmissor da doença.

11ª etapa: Na última etapa do projeto, a professora propôs a confecção do jogo de boliche, em que cada pino seria o mosquito a ser exterminado. Depois de cada lance, o aluno deveria registrar quantos insetos ele derrubou. Ao terminar as jogadas, realizaram atividades numéricas sobre a contagem dos pontos.

Depois dessas etapas do projeto os alunos fizeram uma apresentação no teatro da escola para as turmas da Educação Infantil, o 2º e o 3º ano. Josiano Ponce, pai da aluna Karen Ponce de Sousa, afirma que o projeto é de extrema importância para a sociedade. “Gostei muito das táticas passadas pelas crianças de como se prevenir, evitando a proliferação do mosquito da dengue”, explica. Cláudia de Souza Cruz, mãe da aluna Thaiana Pereira Cruz, completa declarando que é bom todos terem um esclarecimento sobre a dengue. “É de pequeno que se sensibiliza para o futuro”, ressalta.

O aluno André Ferreira Justino, de 7 anos, conta que o que mais gostou foi de construir a maquete. “Aprendi que não se pode deixar água parada. Falei com minha mãe para tampar o lixo e nunca deixá-lo no chão”, justifica. Já Kauane Gomes da Silva, também de 7 anos, explica que o que mais gostou foi o teatro, onde a patrulha salvadora ajudou a recolher a sujeira. “Com isso, o mosquito da dengue foi embora”, garante a pequena.

A professora conclui que o projeto contribuiu de forma significativa para a aprendizagem dos alunos e promoveu o desenvolvimento da oralidade, criatividade e cooperação. “Através das atividades realizadas pude perceber muitos avanços na apropriação do Sistema de Escrita Alfabética. As etapas desenvolvidas no decorrer deste projeto despertaram bastante interesse entre os alunos, que compartilharam seus conhecimentos com seus familiares e amigos. Sendo assim, percebi que o educando é um excelente multiplicador de ideias. Acredito que o êxito deste projeto se deu graças a um conjunto de ações lúdicas que estimularam o gosto em aprender”, finaliza.

Escola Municipal Vale do Tinguá
Rua Paraná, 34 – Tinguá – Nova Iguaçu/RJ
CEP: 26063-340
Tel.: (21) 3767-4920
E-mail: suzanafgomes@hotmail.com
Diretora: Suzana Ferreira Gonçalves Gomes
Idealizadora do projeto: Kátia Nascimento
Fotos cedidas pela escola

Na última etapa do projeto, a professora propôs a confecção do jogo de boliche, em que cada pino seria o mosquito a ser exterminado





DO LIVRO PARA AS TELAS

leituras de realidades



Alunos participam de todas as etapas do processo de produção da obra literária

Sandra Martins

Dar a volta ao mundo requer muito tempo, pelo menos no tempo de Júlio Verne eram 80 dias num balão. Porém, eram tantas as aventuras que o tempo não era sentido, assim como ocorreu na XIX Feira do Livro do Externato Santo Antônio, no bairro de Trindade, em São Gonçalo. Em pouco menos de três meses, todo o colégio, da Educação Infantil até o Ensino Fundamental, se envolveu nos preparativos para transitar pelas histórias que saíram dos livros e que foram parar nas telas. Ou melhor, foram pouco mais de 80 dias viajando no universo dos filmes que fazem e fizeram sucesso.

O projeto *Do livro para as telas, From the book to the screen*, contou com vários personagens de peso, como Os Incríveis, Nemo, alunos e familiares, docentes e Rosa Maria Bruno, a diretora da "indústria cinematográfica", leia-se Externato Santo Antônio. Dona Rosa é uma grande incentivadora da cultura do letramento, cujo aprendizado da leitura e da escrita precisa estar dentro de um contexto que tenha sentido e que faça parte da vida do aluno. Não é à toa que o colégio incentiva projetos que propiciem o despertar do lado criativo do estudante em relação ao uso da linguagem, utilizando-se de experiências da vida cotidiana dos educandos.

Com a participação efetiva dos alunos, desde a produção intelectual à material e da ambiência das salas, a coordenadora geral Maria Augusta Quintanilha contou com a contribuição



Após assistirem filmes que tratam a sensibilidade do ser humano, os alunos foram desafiados a reconstruir cenários através de recortes e colagens



das disciplinas de Língua Portuguesa e Redação, com Kezia Machado abordando a leitura e o desenvolvimento de todo o processo; de História, com Maria de Fátima Gonçalves da Silva, que tratou de problemas que afetam a sociedade, como a violência, a discriminação, mortes, roubos, manipulação, influência etc.; de Ciências, em que Juliana Maiato atuou com a importância da reciclagem; e a disciplina de Matemática, com Verônica Gomes elaborando planejamento para a montagem dos barracões.

Durante o dia inteiro, o entra e sai de crianças e jovens, pais e familiares marcou o ritmo incessante da visitação nos estandes e salas ambientadas que mostravam a criatividade na construção de cenários de filmes trabalhados pelas turmas. Segundo a coordenadora pedagógica da Educação Infantil, Daiana de Sousa, todas as turmas assistiram todas as produções, sendo que cada uma ficou encarregada de fazer a releitura de uma delas.

Na Educação Infantil, trabalharam temas que lidam com a sensibilidade do ser humano: fantasia (*Alice no País das Maravilhas* e *Peter Pan*), família (*Os Incríveis*, *Meu Malvado Favorito* e *Toy Story*) e natureza (*Procurando Nemo* e *Rio de Janeiro*). Para Jorge Miranda, pai do pequeno Bernardo, do Pré-2, “a escola se superou este ano”, afirmou após fazer uma foto no banco de jardim com um cenário do filme “Rio de Janeiro”, cujo livro de redação teve como capa a charmosa ararinha-azul *Blue*, personagem central da animação produzida e dirigida pelo brasileiro Carlos Saldanha.

Após a definição do tema gerador – intitulado “Luz, Câmera e Ação” –, cada série escolheu um filme. No primeiro segmento do Ensino Fundamental, o 1º ano escolheu *Procurando Nemo*; o 2º ano, *Meu Malvado Favorito*; o 3º, *Toy Story*; o 4º, *Super-heróis – Vingadores X-Man*; e o 5º ano ficou com *Studio Pixar Animation*, onde resolveu contar um pouco da história de John Lasseter, fundador da *Disney-Pixar*, empresa de produção de animação.

A partir da reflexão que o filme *Toy Story* traz sobre o que fazer com os brinquedos usados com a vinda dos novos, as professoras Sara Caetano e Emanuelle Mello promoveram uma campanha de solidariedade para doação de alguns que estejam em perfeito estado, e deram o nome de “Deixe o brinquedo de seu filho fazer novos amigos”. “Foi um sucesso”,

Não somente filmes, mas livros voltados para o resgate da amizade e o respeito às diferenças, também foram trabalhados com o corpo discente

segundo elas. A campanha continuará até os festejos natalinos quando o colégio doará os brinquedos para uma instituição de caridade.

Para que o planejamento das atividades e os conteúdos caminhassem adequadamente, a parceria, a constante troca de informações, o realinhamento e a atualização dos planos de aula garantiram o êxito do projeto. Os conteúdos programáticos tiveram como cenário o filme com temas que abordavam brinquedos dos colegas, livro voltado para o resgate da amizade e o respeito às diferenças. As questões das provas de Português, como ditado, foram retiradas do contexto do filme. O mesmo ocorreu com os problemas de Matemática.

Para que os pais pudessem conhecer todas as etapas do processo de construção da exposição, a coordenadora pedagógica da Educação Infantil teve a ideia de produzir um filme. Diante das dificuldades pela falta de conhecimentos técnicos a equipe optou por fotografar a turma devidamente caracterizada no cenário conforme o andamento da etapa do projeto. "As crianças ficaram encantadas com a produção de fotos, se arrumavam, se pintavam, algumas definiam o melhor ângulo", enfatizou Daiana, agradecendo o trabalho de montagem feito pelas colegas Gisele e Débora.

Se os cenários da Educação Infantil e do primeiro segmento do Ensino Fundamental estavam bonitos, o pessoal do segundo extrapolou e literalmente viajou 80 dias no

balão de Júlio Verne. Primeiro, como uma boa exposição de literatura, autores são sempre a grande atração, quer presencialmente, quer em videoconferência. Tradicionalmente, o Externato Santo Antônio leva para as feiras escritores que dialogam com as crianças, respondendo a perguntas sobre como desenvolvem seus personagens, como conhecem tanto determinada situação, ou como foi apresentar seus originais numa editora, se foram bem aceitos ou não. Enfim, perguntas que qualquer jornalista faria, da mesma forma que alunos acostumados a ver a leitura como um aliado para interpretar e transformar sua visão de mundo.



Entres as escritoras homenageadas na mostra, o colégio contou com as presenças de Luciene Prado, que usou um chapéu vivo, feito com grama de trigo germinado, especialmente produzido para contar as histórias de "Deusa e Semente Viva: menina e boneca de sementes germinadas". Outra autora presente foi Eliana Martins, cujo livro "O bonequinho de sucata" serviu de fonte inspiradora para a criação do cenário representando em tamanho quase real a favela Ribeirão do Mato, onde moram os personagens que envolvem a realidade de um menino fluminense que trabalha no lixão e transforma seus sonhos em arte. Por fim, a escritora Telma Guimarães, que fez a adaptação da

história de Júlio Verne "Volta ao mundo em oitenta dias", que vive em Campinas, São Paulo, e se comunicou com os alunos através de videoconferência.

"Com a autorização da direção do colégio e de nossos professores, fomos para a sala de informática para conversar com a escritora por *skype*. Ela é muito bacana, nos mostrou a casa dela, disse que foi muito difícil no início, pois as editoras não queriam investir no seu livro. Mas ela não desistiu, do mesmo modo que a *J. K. Rowling* para lançar a saga de *Harry Potter*", afiançaram Luciene Prado, Beatriz Kurobe, Milena Barreto e Julia Vieira, todas do 7º ano, que participaram da conversa virtual. Elas disseram que enviariam para a escritora, como lembrança do evento, fotografias do balão feito de patchuli com direito a um banquinho para o passageiro, o "passaporte da leitura" da República Federativa do Livro com recomendações sobre a construção desse maravilhoso hábito e uma mala de viagens (caixas de papelão encampadas e decoradas com "cartões-postais") produzida pelos alunos.

De acordo com o Gabriel Kitagawa, Felipe Correa, Alisson Asher e Raphael Almeida, do 6º ano, os trabalhos dessas duas turmas foram realizados em etapas: pesquisa da biografia dos autores, contato com eles através de *e-mails* e videoconferência, leitura do livro na sala de leitura, jogo de perguntas e respostas, produção literária baseada no enredo (autobiografia do personagem escolhido pelo aluno, para o 6º ano, e produção de cartões-postais, pelo 7º) e produção e montagem do trabalho. Aliás, os estudantes faziam questão de mostrar os detalhes no cenário, como os "eletrodomésticos" (feitos de papelão pintado), os postes com sua fiação de "gato" (ligação elétrica clandestina), as roupas no varal, a churrasqueira feita de tijolos e o cachorro amarrado na entrada do barraco de um dos personagens.

Para as turmas de 8º ano, a professora Graça Maria Santos trabalhou com o livro "Sonhar é possível", enquanto o 9º ano se dedicou ao projeto *Póstumas de Brás Cubas, exposição*. Um painel quase do tamanho natural do fundador da Academia Brasileira de Letras, Machado de Assis, dava a impressão de agradecimento pela presença das pessoas na exposição que mostrava a riqueza de seus textos e a importância da literatura como um passaporte para o mundo.





Gêmeos em sala de aula: separá-los ou não?

O dilema de muitos pais segundo especialistas

Jéssica Almeida

Existe uma história de que os gêmeos são iguais e que devem se vestir de forma parecida, ter o mesmo corte de cabelo. Há pessoas que acham que eles percebem e sentem as situações do mesmo modo. Será que isso é uma realidade? Em entrevista exclusiva para a Revista Appai Educar, a Psicopedagoga e Mestre em Cognição e Linguagem, Bianca Acampora, esclarece essas e outras histórias. Confira.

Revista Appai Educar: Devemos ou não separar os gêmeos em sala de aula? Por quê?

Bianca Acampora: Como pedagoga e Psicopedagoga acredito que a separação na maioria dos casos não é positiva para os gêmeos. Pois eles conseguem se desenvolver em seus relacionamentos e na sua aprendizagem de forma normal. Quando um dos gemelares apresenta dificuldades de socialização ou de aprendizagem, nunca deve ter seu desempenho comparado com o irmão gêmeo e deve ser estimulado a fazer novas amizades.

Revista Appai Educar: Que cuidados pais e professores devem ter para que eles possam construir suas identidades de forma separada?

Bianca Acampora: Existe o mito de que os gêmeos, principalmente os inibitórios (que apresentam características muito semelhantes), são iguais e que devem se vestir de forma parecida, ter o mesmo corte de cabelo etc. Há pais e professores que até acham que eles percebem e sentem as situações do mesmo modo. Isto não ocorre na realidade. Cada ser humano é único, e o fato de serem parecidos fisicamente não quer dizer que tenham personalidades idênticas



e que percebam o mundo que os rodeia da mesma forma. E preciso respeitar as individualidades e os gostos de cada um, para que tenham segurança na formação da sua personalidade e não sejam comparados entre si. A pior coisa para um gêmeo é ouvir que ele não consegue, enquanto seu irmão consegue realizar algo. Este tipo de ação não leva a lugar nenhum, a não ser a uma baixa autoestima.

Revista Appai Educar: Por que eles devem ser estimulados a ter amigos em comum ou não, brincar em espaços diferentes para que possam construir opiniões próprias sobre os mais diversos assuntos e, principalmente, devem poder escolher o que querem e ser respeitados nestas escolhas?

Bianca Acampora: Isto ocorre porque na família há comparações entre os irmãos. Há uma falsa ideia de que, se são iguais na fisionomia, devem pensar de forma igual. Mas não existe nenhum ser humano igual ao outro. Por isso os pais e a escola devem estimular amizades diferentes e também em comum com o gemelar. Devem também possibilitar escolhas diversas entre os dois, brincadeiras em espaços variados e o respeito às particularidades de cada um.

Revista Appai Educar: Sabemos que você tem uma irmã gêmea. Como foi esse processo?

Bianca Acampora: Eu e Beatriz somos gêmeas idênticas (univitelinas). Quando éramos crianças nossa mãe cortava nosso cabelo igualzinho e colocava roupas iguais. Temos fotos em que não sabemos quem é quem. Usávamos pulseira de identificação, mas mesmo assim teve dia de ela dar banho em uma das vezes e a outra ficar sem tomar banho. Assim

também aconteceu com consultas médicas, por exemplo. Penso que o momento mais difícil foi quando separaram a gente de sala de aula. Eu queria a minha irmã, mas não podia vê-la. É um sentimento de abandono e de medo. Principalmente para crianças pequenas. Não há nenhum fundamento científico que embase esta teoria da separação. O que penso é que cada um deve ter amigos diferentes e em comum. Deve ser estimulado o direito ao pensamento próprio. Os gêmeos não precisam agir da mesma forma. São pessoas diferentes com vontades e desejos diferentes. Alguns podem ser em comum, outros não. O principal é que cada gemelar tenha suas ideias respeitadas, pois isto proporcionará o desenvolvimento da autonomia e da autoestima. Hoje minha irmã é vegetariana e eu não. Eu gosto de comer carne. E respeitamos os valores e crenças de cada uma. Por isso somos melhores amigas. Irmãos gêmeos têm uma ligação afetiva forte que os une para o resto da vida.

Revista Appai Educar: Quais ações devem ser tomadas pelos pais e educadores ao perceberem que não há muito contato com outras crianças, além do irmão(ã)?

Bianca Acampora: Deve ser estimulado o contato com outros colegas. Mesmo estudando na mesma sala pode-se utilizar estratégias de ensino diferenciadas como agrupar por cores, por números e proporcionar ao gemelar conhecer e trabalhar em grupo com outros colegas de sua classe. É assim que se faz amigos. Explorar o novo é sempre uma boa alternativa para conhecer pessoas diferentes e fazer novos amigos.

Revista Appai Educar: Quais atividades os professores podem e devem estimular para que os gêmeos se socializem?

Orientações aos pais:

- Não vistam seus filhos de forma igual
 - Não comparem um filho com outro
 - Respeitem a individualidade de cada um
 - Ouçam o que eles pensam e desejam, pois seus gostos podem ser diferentes
- Acima de tudo, reservem um tempo para brincar com os dois irmãos gêmeos juntos e com cada um separadamente. Isto fará eles se sentirem especiais e amados, o que estimulará neles a segurança



Os gêmeos Pierre e Pietro, filhos de Juliana Doerner, que administra o "Portal da mãe coruja"



Bianca Acampora: Primeira dica: Dinâmicas de grupo onde se formam duplas e cada membro da dupla deve apresentar o colega e vice-versa. Neste caso a dupla pode ir mais longe e escolher outro par para dialogar. Segunda dica: nas aulas de Educação Física e Artes os professores devem estimular brincadeiras nas quais as equipes sejam organizadas de forma a cada gemelar ficar em um lado diferente. Terceira dica: incentivar cada um a expressar o que sente quando fica longe de seu gemelar, mas refletir sobre os ganhos de aprender coisas novas e ter o que conversar em casa. Focar nos aspectos positivos de se conhecer e fazer novos amigos.

O portal da mãe coruja

Se o assunto é gêmeos, Juliana Doerner entende bem. Isso porque ela é mãe dos gêmeos Pierre e Pietro e dona do "Portal – o portal da mãe coruja". Lançado em 2012, o *blog* reúne a maior quantidade de mães gemelares do Brasil e está em 1º lugar nesse nicho. Com uma média de 19.000 acessos diários, ou seja, por mês mais de 560 mil.

Juliana conta que, quando estava grávida dos gêmeos, observou que havia carência de um espaço *on-line* dedicado às mães gemelares. Com dicas para o dia a dia, enxoval, decoração de quartos, adaptação da casa, inspirações de festas, entrevistas com pais e médicos, vídeos, entre outras coisas. "Assim o *site* nasceu com o propósito de ser uma revista virtual para as famílias gemelares, dando auxílio diário às mamães e aos papais", conta a mãe dos gêmeos.

* **Bianca Acampora** é Psicopedagoga, Arteterapeuta, Professora da Universidade Estácio de Sá, Doutoranda em Ciências da Educação e Mestre em Cognição e Linguagem.



Pesquisa identifica quatro perfis de professores

Definição dos tipos foi baseada nos principais fatores que levaram os profissionais à docência

O que lhe atraiu para a carreira de professor? Uma pesquisa britânica buscou entender quais fatores levam à docência, com o intuito de fazer com que mais jovens escolham a profissão. Baseado nestas razões, o estudo também definiu quatro perfis de professores: profissionais, moderados, idealistas e racionalistas.

Os professores "profissionais" são aqueles que foram motivados principalmente pelo amor à disciplina que lecionam, junto ao desejo de passar o conteúdo às crianças. Eles representam cerca de 20% dos docentes. Os "moderados" são aqueles influenciados por muitos fatores ao mesmo tempo e representam 25% da categoria. Um terço deles, já, são "idealistas" e desejam, principalmente, fazer a diferença na sociedade. Os "racionalistas" são pouco mais de 20% e foram motivados por uma combinação de fatores pragmáticos, pessoais e relacionados à justiça social.

O estudo foi feito pela empresa de educação Pearson em parceria com a consultoria LKMco. A pesquisa também descobriu que 93% dos professores entrevistados escolheram a profissão por acreditarem ser bons em ensinar, e creem que este é um fator importante no momento de estimular novos profissionais. O desejo de fazer a diferença na vida dos alunos e a vontade de trabalhar com crianças foram citados por 60% e 51% dos pesquisados, respectivamente. Ao mesmo tempo, apenas 17% afirmaram que os feriados mais longos eram uma razão importante para a escolha da profissão.

O interesse na disciplina foi frequentemente significativo para motivar professores de história, línguas estrangeiras e música, em especial. O estudo entrevistou cerca de mil docentes da Inglaterra em julho deste ano. Mesmo no país, a desilusão com a profissão foi grande: 59% dos profissionais afirmaram ter considerado deixar a carreira nos últimos seis meses.

O relatório completo e o teste para que os professores descubram em qual tipo se encaixam, ambos em inglês, estão disponíveis no *site* da pesquisa (whyteach.lkmco.org).

Fonte: Revista Educação

Um *show* de estrelas



Projeto oportuniza a revelação de talentos artísticos

“**P**rofessora, esse ano vai ter ‘Show de Estrelas’?”. Os alunos já sabem que o evento acontece anualmente, mas é só o ciclo letivo se iniciar para que a ansiedade tome conta das turmas que aguardam freneticamente pelo projeto mais esperado do ano.

A dedicação de professores, funcionários e alunos contribui para revelar talentos no Ciep 168 – Ilda Silveira Rodrigues em Nova Iguaçu. Além das atividades previstas na grade curricular, os docentes desenvolvem diversas ações artísticas e exercícios de raciocínio lógico através de novas ferramentas que colaboram para o processo de ensino e aprendizado.

O “Show de Estrelas” é um projeto interdisciplinar que visa descobrir novos talentos na instituição de ensino, divulgar habilidades artísticas, promover entretenimento e cultura a toda a comunidade escolar. É aplicado aos alunos da 9ª série ao 3º ano do Ensino Médio, sendo aberto a todos os interessados em mostrar seu talento, abrindo espaço para as variadas manifestações artísticas e culturais. O objetivo é proporcionar o desenvolvimento das diversas habilidades aliando os conhecimentos teóricos ao saber do próprio aluno, possibilitando e desenvolvendo por meio das diversas linguagens, como visuais, cênicas e rítmicas, o aperfeiçoamento da criatividade e da coordenação motora, a articulação da percepção, a imaginação, a emoção, a sensibilidade e a re-



No palco, apresentações artísticas como canto, dança e habilidades com instrumentos musicais

flexão ao realizar e fruir produções artísticas. Dessa forma, os estudantes são convidados para o evento, participando das audições para enriquecer suas *performances*.

No palco, as apresentações artísticas como canto, dança e habilidades com instrumentos musicais foram ovacionadas pela plateia. Além disso, uma exposição de artes no corredor da escola promoveu oficinas de culinária, primeiros socorros, ambientalismo, papelarte e língua inglesa, durante o dia todo, já que a escola possui o sistema de ensino integral.

De acordo com a professora de Artes e coordenadora do projeto, Eliani Barbosa, no decorrer das aulas percebeu-se que alguns alunos apresentavam características relacionadas ao talento artístico. A partir de então, foi projetada uma atividade que proporcionasse o desenvolvimento dessas habilidades por meio de ações pedagógicas articulando o conhecimento do estudante com o saber acadêmico, no intuito de direcionar e aperfeiçoar essas aptidões. Para a professora de inglês Cristina Borges, os alunos que se apresentam se sentem valorizados, e o momento de integração é bastante construtivo. “Muitas vezes temos estudantes muito tímidos que conseguem vencer essa barreira e se apresentar lindamente”, enfatiza Cristina. Para a diretora-geral da

escola, Valéria Torres, a realização do projeto representa um ganho para toda a equipe escolar. “As apresentações de talentos dos nossos alunos promovem sua valorização e contribuem também para a sua autoestima, melhorando o relacionamento entre todos da comunidade escolar”, enaltece.

A importância do talento artístico no ensino

Valorizar o talento artístico implica pensar na criança em um universo amplo, onde ela não seja estereotipada, mas sim estimulada a criar e respeitar as suas produções e as dos colegas, enxergar o mundo com seus olhos, mostrar-lhes vários caminhos que os levarão a um mais completo aprendizado. Através da Arte as emoções são compartilhadas tornando mais prazerosas as vivências e a visão de diversas expressões culturais e estéticas.

Por meio da relação com os objetos oferecidos pelos adultos, os chamados mediadores na visão de Lev Vygotsky, a criança entra em contato com as propriedades e os usos sociais dos objetos, o que a ajudará a entender as formas culturais de atividades do seu grupo social. Partindo do princípio de que o conhecimento é o maior bem que o ho-



mem pode ter, a arte transforma-se numa grande aliada. Não só o modo de vida de um povo foi registrado através dela, mas também momentos históricos e pessoais.

A arte propicia o desenvolvimento da sensibilidade, da percepção, da imaginação, tanto no ato criador quanto na apreciação de obras e da própria natureza. A criança que exercita continuamente a sua imaginação está mais preparada para realizar atividades de outras áreas de conhecimento, como textos mais ricos, relações mais amplas com períodos históricos ou estratégias pessoais para resolver problemas.

Para a educadora especialista em pedagogia de projetos e educação infantil, Paty Fontes, “é preciso que educadores olhem a criança como alguém que é diferente de nós, que não possui as mesmas expectativas do que estamos planejando para elas. É preciso pensar propostas para a Educação que sejam capazes de enfrentar as questões que afetam as relações entre os pequenos e o seu cognitivo”, enaltece.

Através da arte pode-se avaliar o grau de desenvolvimento mental das crianças, suas predisposições, seus sentimentos, além de estruturar a capacidade criadora, desenvolver o raciocínio, a imaginação, a percepção e o domínio motor. A educação artística propicia o desenvolvimento do pensamento que caracteriza um modo particular

de dar sentido às experiências das pessoas: por meio dela, o aluno amplia a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a linguagem.

Paty Fontes afirma: “A arte é produção, logo supõe trabalho. Movimento que arranca o ser do não ser, a forma do amorfo, o ato da potência, o cosmo do caos. A arte é uma atividade íntegra de personalidade. Praticando-a a pessoa usa seu corpo, sua percepção, seus conceitos, sua emoção, sua intuição, tudo em uma atividade que não se divide em compartimentos, mas, ao contrário, integra os vários aspectos da personalidade”.

É preciso valorizar os conhecimentos prévios, assim como interesses e necessidades de cada aluno. Além disso, oportunizar contato com variadas manifestações artísticas: artes plásticas, musicais, cênicas – em todas as suas dimensões. Quando o professor busca um trabalho centralizado no aluno e planeja suas atividades, aulas e projetos em conjunto com o grupo e não simplesmente impõe suas ideias, automaticamente tem mais chance de desenvolver um trabalho de sucesso no qual todos se sentem responsáveis.

Questionada sobre fórmulas e exemplos de metodologias a serem aplicadas com os alunos, Paty sugere pontos importantes:



Para a Educação Infantil:

- 01** - Oferecer propostas adequadas, que respeitem e estimulem as experiências das crianças
- 02** - Respeitar a individualidade da criança, considerando sua expressão como linguagem
- 03** - Ampliar o conhecimento de mundo das crianças por meio da manipulação de diferentes objetos, materiais e técnicas, explorando suas características, propriedades e possibilidades de manuseio e entrando em contato com diversas formas de expressão artística
- 04** - Utilizar intensamente atividades lúdicas

Tanto na Educação Infantil quanto no Ensino Fundamental é preciso identificar os interesses da criança, respeitando seu próprio ritmo. Em qualquer nível de ensino, para levar a criança a refletir sobre arte, não se pode cair no erro de trabalhos estereotipados, aqueles do tipo mimeografados, fotocopiados, determinados pela criatividade do educador. Visitas a museus, galerias de arte, ateliês, conhecer a biografia de autores são momentos e espaços que inspiram o senso criativo, sendo este um grande passo no processo da

criação artística. Essa familiarização com a arte, em diferentes espaços e tempos, promove avanço na produção da criança.

“No Ensino Médio uma prática pedagógica que possibilita o acesso dos alunos à produção artística social é a atividade de leitura de imagens. Este espaço pode vir a ser mais um fator que permite ao estudante estabelecer relações entre o que ele já domina e o que pode vir a aprender. Isso não significa que com essa leitura ele tenha de fazer uma cópia do trabalho apreciado, mas sim apropriar-se de elementos



Para o Ensino Fundamental:

- 01** - Elabore propostas que trabalhem pensamentos divergentes
- 02** - Oportunize observação, imaginação, exploração, improvisação, concentração, criação, fluência e flexibilidade
- 03** - Estimule adequada e constantemente a criança por meio de desafios e situações-problema que agucem sua curiosidade
- 04** - Empregue recursos que ajudem a criança na organização de seu material, de si própria e de seu ambiente de trabalho
- 05** - Utilize diversos materiais gráficos e plásticos sobre diferentes superfícies para ampliar as possibilidades de expressão e comunicação da criança
- 06** - Crie um ambiente seguro, de uma atmosfera em que haja confiança e tranquilidade

da linguagem do artista sem, contudo, perder a sua autoria”, enfatiza a especialista.

Paty Fontes deixa ainda exemplos de trabalhos já realizados com sucesso:

01 - Com o objetivo de valorizar as diversas manifestações artísticas, pode-se trabalhar a vida e a obra de grandes mestres da Arte Mundial, como Pablo Picasso, Wolfgang Amadeus Mozart, Michelangelo Buonarroti, Ludwig Van Beethoven, Vincent Van Gogh e Peter Tchaikovsky, dando maior importância às obras mais conhecidas desses artistas, enfatizando o significado de cada uma. Este trabalho pode ser desenvolvido em paralelo ao de artes plásticas, aguçando ainda mais a percepção visual, auditiva e compreendendo a música como produto cultural histórico em diferentes evoluções.

02 - Com o computador os alunos têm a oportunidade de conhecer a história e as principais obras de Pablo Picasso. Com seu estilo divertido e colorido, de formas planas e arredondadas, o artista desperta o interesse e a imaginação das crianças. Quanto a Mozart, o mais interessante é que este compositor iniciou a sua vida artística exatamente com a idade dos pequenos da Educação Infantil.

03 - Quanto a Michelangelo, fica muito presente a beleza da sua obra na Capela Sistina, onde utilizou a técnica do afresco. As crianças necessitam do momento de expressar esse trabalho, empregando a mesma técnica. Participando desde o preparo do gesso até a fase final, a pintura.

04 - Através de Van Gogh, os estudantes descobrirão que, em suas primeiras pinturas, ele utilizava cores tristes e sombrias,

pois queria mostrar a todo o mundo como era a dura vida dos pobres, o que ficou explícito na obra “Os comedores de batata”. Proponha à turma que leve esse tubérculo em suas variantes: doce, salsa e inglesa, trabalhe os tipos existentes e de que modo são plantados. Arrume a sala como o ambiente retratado na pintura (escura, iluminada apenas pela luz da vela). Cada criança então deverá receber um pouco de cada tipo de batata para perceber a diferença de cada uma e, em seguida, pode ser proposta uma atividade de pintura que a utilize como carimbo.

05 - Ao conhecerem a vida de Tchaikovsky, os estudantes, geralmente, demonstram muito interesse, pois este foi o compositor de três grandes obras bastante conhecidas, que se tornaram tema de balés, como “O Quebra-Nozes”, “A Bela Adormecida” e o “Lago dos Cisnes”. Estes devem ser trabalhados com os estudantes da seguinte maneira: cada turma pesquisa uma das obras, por meio de livros e filmes, e depois apresenta através de teatro para as demais classes.

Colaboração: Richard Günter



Professor,



Conheça os seus benefícios

